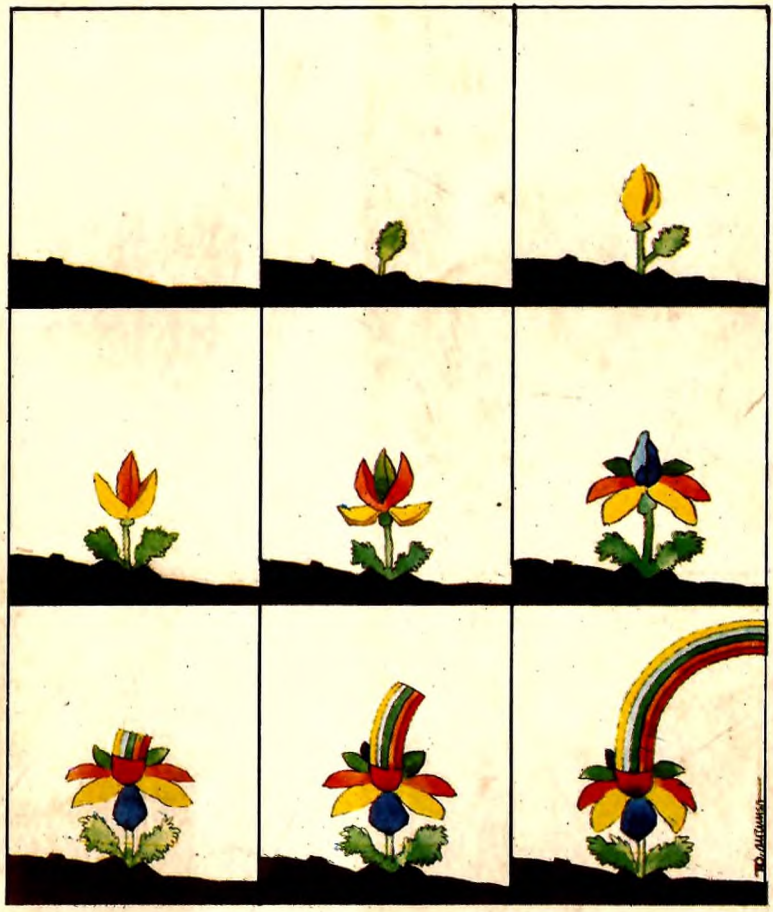
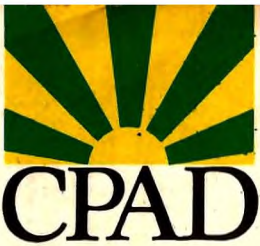
TÍTULOS E DONS DO MINISTÉRIO CRISTÃO

ESTÊVAM ÂNGELO DE SOUZA





TÍTULOS E DONS DO MINISTÉRIO CRISTÃO é o novo lançamento de que muito se ufana a CPAD. O livro ocupa-se de uma área da mais elevada importância para a Igreja como um todo, bem como para seus membros em particular: o exame, exposição e aplicação dos dons ministeriais concedidos por Deus ao ministério cristão. É livro indispensável aos ministros, obreiros em geral e todos os demais crentes que têm interesse em estudar o que a Bíblia diz sobre o assunto. O autor com rara habilidade expõe com segurança esse magistral assunto do ministério. Está pois de parabéns o público evangélico brasileiro. A CPAD está feliz por mais esse empreendimento.

TÍTULOS E DONS DO MINISTÉRIO CRISTÃO



ESTÊVAM
ÂNGELO
DE SOUZA

Dedicatória

Aos Irmãos, Amigos e Colegas

OBREIROS da Igreja Evangélica Assembléia de Deus no Estado do Maranhão, como prova de gratidão e reconhecimento, pela cordialidade e compreensão cristãs, no convívio de vinte e um anos de labores em prol do Reino de Deus em terras maranhenses, DEDICAMO-LHES este modesto trabalho, com a nossa homenagem, respeito e amor cristão.

São Luís, 04 de janeiro de 1975.
Estevam Ângelo de Souza

PREFÁCIO

"Propondo estas coisas aos irmãos, serás **Bom Ministro** de Jesus Cristo..." I Tm 4.6.

Com muito prazer aceitei o pedido feito por carta do Rev. Estevam Ângelo de Souza, para prefaciar a presente obra, depois de ter lido cuidadosamente os originais, confesso, fiquei maravilhado e agradecido a Deus pelo dom desta Bênção aos Obreiros que poderão enriquecer seus conhecimentos aprimorando sua vida ministerial, enquadrando-a no padrão de verdadeiro Ministro de Jesus Cristo. "TÍTULOS E DONS DO MINISTÉRIO CRISTÃO" é uma Obra séria, de assuntos graves, porém **genuinamente bíblica.** Tenho a impressão que somente os carnais e levianos poderão discordar disto. A meu modo de ver, o Escritor foi muito feliz por ter escrito um Livro de tratados profundamente Teológicos, num estilo simples e muito atraente. O Espírito Santo conduziu o autor passo a passo em cada referência bíblica em que se apoia o estudo que apresenta. Os conceitos humanos foram deixados de lado, breves comentários são dados com graça e **unção**, na coordenação do estudo a fim de que a **Verdade Bíblica** brilhe

com toda a sua intensidade nas páginas deste Livro. Não tenho palavras melhores para fazer referências a altura, ou de acordo com o merecimento da presente Obra, porém o que aí ficou dito provém de um coração sincero.

Para escrever estas palavras, dobrei meus joelhos diante de Deus, o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, rogando-Lhe que Se digne fazer de todos os Obreiros de Sua Seara e Pastores de Suas ovelhas, um **exemplo** de dignidade Cristã, beneficiando-se deste Estudo que vem a público.

Pastor José Pimentel de Carvalho

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Neste livro não teremos um estudo dos dons espirituais e, sim, dos dons ministeriais.

O Senhor Jesus, antes de subir ao céu, confiou aos Seus servos a administração dos Seus bens e de Sua casa - a Igreja. É isto um grande privilégio, uma grande honra, em tudo correspondente com a grande responsabilidade que resulta desta grande comissão.

Aos servos, cumpre nunca esquecer que, para tanto, homem nenhum será capaz, se por Deus não for chamado e habilitado.

1. CHAMADA

De certo modo, todos os crentes têm responsabilidade de testemunhar de Jesus e para isto, todos os salvos são chamados, At 1.8; I Pe 2.9.

A Igreja é um corpo, composto de muitos membros e todos devem estar aptos a contribuírem para o seu desenvolvimento e edificação, testificando, exortando, aconselhando e orando, todos com fervor e perseverança. Entretanto, além destes trabalhos comuns a todos os crentes, há ministérios distintos, para os quais há homens chamados por Deus, de modo também distinto.

À luz das Sagradas Escrituras, as chamadas de Deus, para os diferentes ministérios, sempre foram precedidas de poderosas experiências espirituais, pelas quais, as pessoas chamadas, foram capacitadas a colocar em plano inferior todos os demais interesses.

Só a chamada distinta, para um ministério distinto, determinará os resultados positivos a serem alcançados. Moisés, mediante sua posição elevada e a instrução "em toda a ciência dos egípcios", tornou-se "poderoso em palavras e obras", At 7.22. Os 40 anos como pastor de ovelhas no deserto podem ter contribuído para torná-lo "um homem mui manso", Nm 12.3. Entretanto, só após a expe-

riência da sarça ardente foi capacitado para a grande missão de libertar o povo israelita escravizado no Egito. Isaías certamente era um moço vocacionado, mas só depois do toque da brasa viva tirada do altar de Deus, pôde dizer: "Eis-me aqui, Senhor, envia-me a mim", Is 6.1-8. Paulo era um fariseu zeloso, mas apenas contribuía para a morte dos seus semelhantes. Depois do encontro com o Senhor Jesus, na estrada de Damasco, então, tornou-se o grande instrumento para a salvação das almas, At 9.1-22. O mesmo aconteceu com tantos outros servos de Deus, registrados na Bíblia e na história do Cristianismo.

A chamada divina, para um trabalho divino, sempre move o homem de Deus a sentir profundo amor pelas almas e o peso da responsabilidade pela sua salvação, sem pensar em posição, honra ou interesses materiais. Aliás, esta foi uma condição imposta por Jesus aos Seus discípulos, Mt 16.20. Isto significa que a pessoa chamada deve ser capaz de vencer todos os obstáculos e suportar os sacrifícios que lhe possam advir em conseqüência desta gloriosa decisão, em favor da mais gloriosa missão, a de encaminhar almas para o céu.

Naturalmente, estas características deverão manifestar-se na vida do candidato ao ministério, antes da chamada definitiva e não somente depois de aceito. A chamada divina constitui-se na pessoa um desafio irresistível, a ponto de nada temer, mesmo consciente das inúmeras adversidades que tenha de enfrentar, em favor do reino de Deus. A chamada divina o inflama. A paixão pelas almas o domina. O executar de sua missão, em quaisquer circunstâncias lhe proporciona a maior felicidade íntima. O fazê-lo com fidelidade, já lhe vale grande compensação, por tudo o que tenha de sofrer. Disto

lhe dão a certeza, as vitórias e os sucessos alcançados.

A instrução, o preparo intelectual, o treinamento em um educandário cristão, não constituem chamada ou vocação divina para o santo ministério. Entretanto, os conhecimentos ou preparo intelectual, indubitavelmente tornarão mais amplas as oportunidades do servo de Deus e maiores as suas possibilidades de ser mais útil no cumprimento do seu ministério.

Ninguém pode ensinar o que não aprendeu, o que não sabe. Os que se aventuram serão envolvidos em confusão e cairão no descrédito das pessoas que entendem corretamente a doutrina.

Quanto às Escolas de preparação de ministros, a formação e o nível espiritual delas, determinarão, em grande parte, a condição espiritual do ministro. Por outro lado, nenhum preparo intelectual substitui a meditação na Palavra de Deus e a oração. A isto já temos denominado de "velho método", pois o encontramos na Bíblia, desde tempos remotos. "Moisés e Arão caíram sobre os seus rostos..." "Josué e Calebe falaram a toda congregação..." Nm 14.5,7. Josué foi exortado a "meditar dia e noite a fim de prosperar..." Js 1.8. Os apóstolos, diante da problemática do atendimento da numerosa comunidade, resolveram o problema de maneira a se consagrarem "à oração e ao ministério da palavra", At 6.3,4. Paulo aconselha a Timóteo: "Medita estas coisas e nelas sê diligente..." e, acrescenta: "As Sagradas Letras podem tornar-te sábio para a salvação..." I Tm 4.15; II Tm 3.15.

2. HABILITAÇÃO.

Conhecimentos profundos das Sagradas Escrituras, aliadas à poderosa unção do Espírito Santo, completam a habilitação daquele que é chamado

por Deus para o Seu serviço.

O ministro, com a mente enriquecida pela Palavra, com uma alma inflamada e um coração abrasado pelo Espírito Santo, tem divina condição de entender e expor com segurança a razão de sua fé e esperança, I Pe 3.15. Pode mesmo obter as condições de uma fonte inesgotável de verdades profundas, novas e vivas, poderosamente inspiradoras.

Lemos que: "Se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja", I Tm 3.1, e é lógico: Para uma excelente obra é necessário um excelente homem. Em adição a isto podemos aplicar a pergunta de Paulo: "Quem, porém, é suficiente para estas coisas?", II Co 2.16. Também as palavras de Jesus: "Sem mim nada podeis fazer", Jo 14.4. Têm o mesmo propósito as palavras de João Batista: "O homem não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dada", Jo 3.27. É a mesma lição ensinada por Tiago: "Toda boa dádiva e todo dom perfeito é lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança", Tg 1.17.

Estes textos sagrados não somente indicam a procedência dos dons que nos habilitam para o fiel cumprimento do ministério divino, a nós confiado, mas também revelam quanto somos, devemos ser e sentir-nos dependentes de Deus. Isto, todavia, não significa que tenhamos o direito de esperar, como se nada dependesse de nós, como se tudo o que temos a fazer seja mesmo esperar, comodamente, até que Deus Se compraza de nos agraciar com Seus dons. Certa ocasião ouvimos de um obreiro improdutivo esta desculpa: "Cada um tem seus diferentes dons"; como se não tivesse nenhuma responsabilidade pelos seus insucessos. Se de fato possuímos diferentes dons espirituais, esses

redundarão em notável êxito, nos ministérios correspondentes.

Não somente somos ensinados a buscar zelosamente os dons espirituais, mas também a "progredir neles para edificação da Igreja", I Co 14.12. Ainda que o ministro seja possuidor de dons extraordinários, mesmo assim, deve usar de meios extraordinários, pois estes são a demonstração dos dons de habilitação em sua vida e em seu ministério. "Ao que tem, se dará e terá em abundância".

Todos os ensinos divinos têm aplicação prática. De igual modo, os dons ministeriais, com freqüência expressos nos diferentes títulos do ministério cristão, têm a sua função e aplicação práticas, nos serviços correspondentes. Por isto, todos os títulos ministeriais no Novo Testamento, correspondem às respectivas funções. É isto que vamos estudar, com base em Ef 4.11.

CAPÍTULO II

MINISTRO

Ministro é um título em evidência, na linguagem de nossos dias, em relação aos oficiantes religiosos. É um termo bíblico e ocorre com freqüência tanto no Velho como no Novo Testamento, com relação aos homens de Deus, escolhidos para o Seu trabalho. Neste capítulo estudaremos a posição e as qualidades do ministro, antes de passarmos ao estudo dos dons ministeriais.

1. A POSIÇÃO DO MINISTRO

O termo sugere a idéia de eminência e não raro satisfaz aos sentimentos jactanciosos e ao orgulho próprios da natureza humana. Entretanto, em todas as ocasiões em que esta palavra e suas derivadas ocorrem no Novo Testamento, há simplesmente a idéia de serviço ou servir. Assim todas as vezes que pensarmos em nós como ministros, a idéia que devemos ter é a de que somos servos. Servos daqueles que Deus colocou sob os nossos cuidados espirituais.

É este o sentido de ministro em Rm 12.7. É este o mesmo conceito emitido por Pedro, ao dizer: "Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bom despenseiro da multiforme graça de Deus", I Pe 4.10.

Com isto concordam também as definições lexicográficas. Silveira Bueno define: "Ministro - Servidor, empregado, servo, criado, auxiliar, pessoa encarregada de ministrar alguma coisa, enviado político ou diplomático, pessoa incumbida de uma função administrativa, religiosa, social, jurídica, etc."

Era este propriamente o conceito que Paulo tinha de si mesmo ao gloriar-se de ser ministro de Cristo, mais que qualquer outro: "São ministros de Cristo? (Falo como fora de mim) eu ainda mais" - e então enumera as suas destacadas posições de ministro: "Eu trabalho muito mais, muito

mais em prisões; em açoite sem medida; em perigo de morte, muitas vezes. Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de açoites menos um; fui três vezes fustigado com varas, uma vez apedrejado; em naufrágio três vezes; uma noite e um dia passei na voragem do mar; em jornadas muitas vezes, em perigos de rios, em perigo de salteadores, em perigo entre patrícios, em perigo entre gentios, em perigo na cidade, em perigo no deserto, em perigo no mar, em perigo entre falsos irmãos; em trabalhos e fadigas, em vigílias muitas vezes; em fome e sede, em jejuns muitas vezes, em frio e nudez..." II Co 11.23-27. Eis aqui as posições de um ministro de Cristo, descritas no Novo Testamento.

Portanto, se alguém, pensando em si mesmo como ministro, pensa em ser honrado e não está disposto a servir e a sofrer, estaria negando as verdadeiras características de um ministro de Cristo.

A vida no seu melhor sentido, nada mais é do que um serviço de uns para com os outros. O empregado com a remuneração suficiente para a sua subsistência, etc. Isto tem a melhor aplicação na vida espiritual, com base nos ensinos e nos exemplos de Cristo, que disse: "O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir", Mc 10.45. Este foi o conceito que fez de Si mesmo Aquele que foi chamado "ministro do santuário", Hb 8.2. Portanto, ser ministro, nas melhores concepções, é ser servo.

È impressionante observar que nos títulos ministeriais nada há que apele para a vaidade humana, especialmente considerando os diferentes termos aplicados a um ministro de Cristo, tais como: trabalhador, jornaleiro, operário, obreiro, lavra-

dor, vinhateiro, semeador, ceifeiro, pescador, pastor de ovelhas, despenseiro e outros.

Na Sua sabedoria Deus usou palavras de origem humilde, que indicam trabalhos desprezados pelos homens orgulhosos do mundo, a fim de designar as funções daqueles que iriam realizar a obra mais nobre, mais benéfica, mais proveitosa e mais duradoura - eterna! É importante observar, também, que as palavras cujo significado designam ocupação nobre correspondem aos dons de Deus, os dons ministeriais e não propriamente ao homem.

Por outro lado, podemos ver com clareza, que um ministro de Cristo não é apenas um ministro religioso, é tudo mais que significa este título de dignidade, é servo, incumbido de ministrar aos servos aos seus cuidados e administrar as coisas espirituais e eternas.

Na parábola dos talentos, Jesus revelou Sua confiança nos Seus servos: "Ausentando-se do país, chamou os seus servos e lhes confiou os seus bens", Mt 25.14,15. O ensino deste trecho, corresponde ao de Ef 4.8,11 - "subiu às alturas e concedeu dons aos homens". Quando Cristo subiu ao céu fez como o homem que viaja para um país distante. Teve o cuidado de suprir a Sua Igreja de todas as coisas necessárias para o período de Sua ausência. Deixou com ela os Seus bens - os dons, entregando-os aos Seus servos, de acordo com a capacidade de cada um, com o dever de administrá-los para o bem dos homens e para a glória de Deus.

Bem-aventurado aquele servo a quem o Senhor ao voltar para o ajuste de contas possa dizer: "Muito bem servo bom e fiel...". Esta deve ser a honraria mais ardentemente desejada por um ministro de Cristo.

2. AS QUALIDADES DO MINISTRO

A despeito da humildade expressa nos termos

referentes aos ministros - servos, tudo mais indica que esses homens humildes, embora desprezados pelos homens orgulhosos do mundo, devem conduzir consigo o adorno de uma conduta pela qual possam se impor ao respeito e à confiança de todos os homens. "Mantendo exemplar o vosso procedimento no meio dos gentios, para que, naquilo que falam contra vós como malfeitores, observando-vos em vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visitação", I Pe 2.12. É isto que em última análise deve acontecer, quando nos negarem o devido reconhecimento.

Fidelidade é o qualificativo invocado na aprovação do servo, no dia do ajuste com o Senhor: "Muito bem, servo bom e fiel..."

É o mesmo que ensinou o apóstolo Paulo: "Assim, pois, importa que os homens nos considerem como ministros de Cristo, e despenseiros dos mistérios de Deus. Além disso o que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel", I Co 4.1,2. Além daquela fidelidade que corresponde à pureza das atitudes para com Deus, há, no que diz respeito às relações para com a Igreja e os de fora, três aspectos das atividades de um ministro do Evangelho, que exigem dele muita seriedade e muita fidelidade, os quais são:

A. Fidelidade na Administração das Coisas Espirituais. Neste sentido, a fidelidade consiste

a) Na ortodoxia com que o ministro apresenta a sã doutrina, baseada na verdade, fundamentada na Palavra de Deus, tal como recomenda o apóstolo Pedro: "Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus", I Pe 4.11. Do contrário, a sua pregação não será uma mensagem de Deus. Não será doutrina cristã;

b) Imparcialidade na apresentação da doutrina. Na exposição doutrinária sem respeitos humanos,

sem preconceitos e sem animosidade. Sem aquela aparência de "coisa encomendada". O ministro que se prevalece do púlpito para desabafar-se de suas mágoas, nunca será bem sucedido. O que usa a doutrina como azorrague para vingar-se dos desafetos, simplesmente abrirá precedente para discórdia. Ao invés de edificar, estará demolindo;

c) No empenho por produzir para o Reino de Deus. Jesus advertiu: "Servo mau e negligente, sabias que ceifo onde não semeei e ajunto onde não espalhei? Cumpria, portanto, que entregasses o meu dinheiro aos banqueiros...", Mt 25.26,27. Parodiando estas palavras, poder-se-á dizer: "Se não estavas disposto a fazer o meu trabalho com dedicação e zelo, de modo a produzir satisfatoriamente e contribuir para o engrandecimento da minha Igreja, devias ter desocupado o lugar para outro e não procurar apenas beneficiar-te, em detrimento dos interesses eternos do Reino de Deus". De fato, negligenciar as coisas espirituais e eternas, é grande pecado. "Maldito aquele que fizer a obra do Senhor relaxadamente", Jr 48.10.

B. Fidelidade na Administração Financeira da Igreja. O dinheiro não é a coisa mais "sagrada", mas em razão da força com que apela à ambição do homem, presta-se muito bem para testar o caráter de um administrador e, não há dúvida, que muito agrada aos olhos de Deus, a fidelidade do Seu servo, a integridade com que administra as coisas financeiras, sendo capaz de até sofrer privações, sem de modo algum se beneficiar com o que não lhe pertence de direito. É certo: Um homem iluminado e controlado pelo Espírito Santo, não consentiria em macular a sua consciência, nem mesmo diante das maiores vantagens, pois considera a sua reputação cristã e a sua comunhão com Deus valorosas, muito acima de qualquer

soma. Esta deve ser a atitude inflexível de um ministro cristão. Descuidos, facilidades na comprovação dos negócios, pouca clareza na discriminação das despesas da Igreja, podem acarretar sérias dificuldades e até mesmo prejuízo do conceito do ministro. As conseqüências poderão ser duplamente prejudiciais - a ele e à Igreja!

Excelentes exemplos de fidelidade encontramos registrados na Palavra de Deus. O rei Josias ordenou a respeito do dinheiro recolhido para os reparos do templo, dizendo: "Que o dêem nas mãos dos que dirigem a obra e têm a seu cargo a casa do Senhor... porém não se pediam contas do dinheiro que se lhes entregara nas mãos, porquanto procediam com fidelidade"; II Rs 22.5,7. Até este ponto pode chegar a confiança depositada naqueles que procedem fielmente na administração financeira. E uma maravilhosa conquista! É segurança! É um prêmio compensador!

Outro exemplo inspirador temos em Daniel. Os seus inimigos, ao procurarem motivos para acusá-lo, concluíram: "Nunca acharemos ocasião alguma para acusar a este Daniel nos negócios do rei..." porque ele era fiel e não se achava nele nenhum erro nem culpa, Dn 6.4,5. Os olhos dos inimigos só não vêem o que não existe nem em aparência!...

C. Fidelidade nas Transações Comerciais. Pouca coisa poderá repercutir com maior desvantagem contra um ministro do Evangelho do que a irregularidade nos negócios. Os homens do mundo, para quem o dinheiro vale mais do que tudo, não perdoam e não poupam ao homem irregular nos seus negócios. Em se tratando de um ministro do Evangelho, isto constitui uma desonra para ele e uma desmoralização para a Igreja e prejuízo irreparável para a obra do Senhor. Mesmo em circunstâncias difíceis, deve confiar no Senhor e não

sobrecarregar-se de dívidas. "O justo vive por fé..."

Não deveria ocupar o púlpito sagrado, homens inescrupulosos em seus negócios. A sua palavra se torna chocante aos ouvidos das vítimas dos seus negócios e de quantos deles tomam conhecimento. As suas pregações não compensam os impropérios e os massacres a que ficam sujeitos os que povoam a área sob a influência negativa dos seus negócios feios. A desconfiança que ele bem merece pode atingir até aos membros de sua Igreja, prejudicando-os no seu conceito para com os de fora. Perdoem-nos se parecemos exagerado nesta opinião que já algumas vezes externamos: Para cuidar dos seus negócios com lisura e integridade, não precisa ser um justo, um santo, basta ser um homem de caráter... A mais disto, bastaria possuir a necessária sabedoria para manter o controle de suas despesas dentro de um orçamento possível, evitando também negócios alheios à sua função espiritual.

Quem não sabe administrar os seus próprios negócios, não cremos que possa administrar corretamente os negócios da Igreja e as coisas espirituais. O modo correto de proceder neste sentido deve estar também contido nesta recomendação de Paulo: "torna-te padrão dos fiéis, na palavra e no procedimento..." I Tm 4.12.

Vivendo esta doutrina e ensinando-a aos irmãos, "serás bom ministro de Jesus Cristo".

CAPÍTULO III

APÓSTOLO

Certamente em razão de sua importância, o apóstolo vem em primeiro lugar na ordem dos dons ministeriais.

Correspondente com o sentido ou significado deste título ministerial, vamos encontrar no Novo Testamento três grupos de apóstolos. Nisto podemos obter a resposta para as questões e divergências quanto à vigência deste dom ministerial em nossos dias.

Apóstolo significa enviado, mensageiro, embaixador, missionário. O título é aplicado a Jesus, como enviado pelo Pai; aos doze discípulos, como enviados pelo Filho; a Paulo, a Barnabé e a outros, como enviados pelo Espírito Santo, através da Igreja.

1. JESUS, O APÓSTOLO ENVIADO PELO PAI.

"Considerai atentamente o apóstolo... da nossa confissão, Jesus", Hb 3.1. Jesus é apresentado como apóstolo enviado pelo Pai e a ninguém encontramos melhor qualificado do que Ele, para esse ministério. Jesus mesmo fala a Seu respeito como "aquele a quem o Pai santificou e enviou ao mundo", Jo 10.36. Equivale dizer que o Pai O santificou e O constituiu apóstolo - enviado ao mundo.

Nos Evangelhos encontramos de maneira indubitável as características do Apóstolo Modelo, as quais são: Sua habilidade, Suas qualidades, Suas credenciais e Sua obra. Sobre isto seremos breves em comentários, limitando-nos especialmente ao emprego das próprias palavras de Jesus.

A. Sua Habilidade. Apóstolo significa também mensageiro, e não se pode admitir mensageiro sem mensagem. Jesus como mensageiro, não apenas trouxe ao mundo a mensagem do Pai, como poderia fazer o mais hábil apóstolo. Ele mesmo era o Verbo de Deus, Jo 1.14. Sua palavra era repas-

sada de autoridade suprema. Os Seus ouvintes percebiam que Ele falava com autoridade e não como os escribas do povo. A razão dessa autoridade, o próprio Cristo no-la apresenta, ao dizer: "O enviado de Deus fala as palavras de Deus, porque Deus não dá o Espírito por medida", Jo 3.34. Falando a Palavra de Deus em substância e linguagem divina, deu-nos incontestáveis provas de Sua habilidade e apresenta a razão dessa habilidade: "Porque Deus não dá o Espírito por medida". Qualquer homem, por mais que receba, o terá simplesmente "na medida do dom de Cristo". Podemos receber na capacidade de simples vaso, mas Jesus recebia do Pai, com a capacidade de uma fonte profunda e inesgotável.

B. Suas Qualidades. Jesus apresenta a Sua espontânea submissão à vontade do Pai, como prova de ser enviado por Deus - apóstolo. Tinha o executar a vontade de Deus, como a Sua principal comida, Jo 4.34. Afirma ainda: "Eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, mas a vontade daquele que me enviou", Jo 6.38.

A submissão de Jesus à vontade do Pai, não era simples empenho por desincumbir-se de uma tarefa que Lhe fora imposta, mas o interesse supremo e o desejo ardente de promover a glória dAquele que O enviou, o que apresentava como prova de ser enviado por Deus: "O que fala por si mesmo está procurando a sua própria glória; mas o que procura a glória de quem o enviou, esse é verdadeiro e nele não há injustiça", Jo 7.18. Nisto repousa a autoridade dos Seus ensinos, em contradição com os falsos apóstolos, que buscam a sua própria glória.

C. Suas Credenciais. Aos que duvidavam da autoridade do Seu apostolado divino, Ele respondia: "As obras que o Pai me confiou para que eu as realizasse, essas que eu faço, testemunham a meu

respeito, que o Pai me enviou", Jo 5.36. Os Seus discípulos reconheceram que Ele era "poderoso em obras..." Lc 24.19.

João Batista, quando assaltado pelas dúvidas, enviou os seus discípulos a Jesus, a perguntar: "És aquele que estava para vir, ou esperamos outro?" O Senhor Jesus apresentou aos mensageiros de João as Suas credenciais: "Naquela mesma hora, Jesus curou a muitos de moléstias e flagelos e de espíritos malignos; e deu vista a muitos cegos. Então Jesus lhes respondeu: Ide e anunciai a João, o que vistes e ouvistes: Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados..." Lc 7.20,22. A questão seria se Jesus era de fato o prometido, o enviado de Deus. Os feitos maravilhosos de Jesus, a tal ponto constituíam provas de ser Ele o enviado de Deus, que, aos que duvidavam, limitava-Se em dizer: "Crede ao menos por causa das mesmas obras", Jo 14.11.

D. Sua Obra. Já estudamos que apóstolo significa enviado, mensageiro, termo que traz a idéia de missão importante, e em relação a Jesus fala da importância da obra a ser realizada e as qualidades exigidas para a sua execução. Jesus não foi apenas um apóstolo e, sim, o Apóstolo de nossa confissão. Satisfez todos os requisitos, apresentou todas as qualidades. Tornou-Se o grande modelo, cumprindo fielmente todos os itens de Sua grande comissão, executando-a exemplarmente, nos Seus ensinamentos, nas Suas obras, na Sua vida e na Sua morte.

Os apóstolos como enviados por Cristo, como pioneiros na pregação do Evangelho e da doutrina, lançaram o fundamento de igrejas locais, em forma fragmentária, em diferentes lugares, mas o Senhor Jesus, pregando a palavra trazida do céu,

recebida diretamente de Deus, lançou o fundamento de Sua Igreja universal, imprimindo-Lhe aquele caráter indestrutível, que só dEle poderia depender. Foi Ele mesmo quem afirmou: "Eu edificarei a minha igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela", Mt 16.18. Era isto a formação do organismo vivo, da Igreja do Deus vivo, constituída dos salvos do mundo, pela fé na obra expiatória a ser realizada no Calvário.

Jesus falou da grandeza de Sua missão, de Sua obra, relacionando-a com o Seu apostolado: "Deus enviou o Seu Filho ao mundo... para que o mundo fosse salvo por ele", Jo 3.17. "Aquele que ouve as minhas palavras, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna...", Jo 5.24.

2. OS DOZE APÓSTOLOS - ENVIADOS PELO FILHO.

Jesus foi enviado pelo Pai com uma grande comissão a ser executada inicialmente por Ele e continuada até à Sua segunda vinda. Por isto, tão logo começou o Seu ministério, escolheu entre os Seus discípulos, doze homens, a quem instruiu, treinou e adestrou para a expansão e consolidação de Sua Igreja, de acordo com o que determinara o Pai. Observemos as Suas palavras: "Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio", Jo 20.21.

O Pai O enviara a proclamar a chegada do reino de Deus e a consumar a obra redentora, mediante a Sua morte no Calvário. Esta tarefa era total e exclusivamente Sua. Concluída, o Mestre enviou (constituiu apóstolos) os doze a proclamarem os resultados provenientes de Sua morte, a serem usufruídos por quantos viessem a crer na Sua Palavra e a testemunharem dos Seus feitos miraculosos e de Sua ressurreição.

A. Habilitação. Jesus já havia chamado alguns

discípulos, constituindo-os pescadores de homens, Mt 4.18-21. Depois, entretanto, informa Marcos: "Chamou os que ele mesmo quis e vieram para junto dele. Então designou doze para estarem com ele e para os enviar a pregar", Mc 3.13,14. Nas expressões, "vieram para junto dele e para estarem com ele", encontramos a forma de preparo e habilitação dos apóstolos para a grande obra que lhes estava destinada. Não há dúvida que, intimidade e comunhão com Cristo é o melhor preparo para o Seu trabalho. O efeito desta convivência íntima com Cristo, foi tão positivamente influente, que, anos depois, as próprias autoridades e opositores dos apóstolos o reconheceram. "Ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo que eram homens iletrados e incultos, admiraram-se; e reconheceram que haviam eles estado com Jesus", At 4.13.

Não pode ensinar quem antes não aprendeu com Cristo. Não pode liderar, quem não aprendeu a obedecer e cumprir ordens. Não pode ter autoridade, quem não aprendeu a ser submisso.

Os discípulos a tal ponto foram influenciados pelo convívio com Jesus que por fim abandonaram as pretensões de grandeza. Não mais cogitaram "quem dentre eles seria o maior, ao contrário, o conceito que tinham de apóstolo era de uma grande missão, de grandes obrigações e não de uma elevada posição, com autoridade superior aos demais. Esta é a concepção certa: O ministério apostólico se identifica e é reconhecido pela realização da obra de apóstolo.

Desta convivência íntima com Jesus, eles receberam:

a) **Conhecimento experimental** - Pedro podia dizer: "Não vos demos a conhecer o poder e a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mes-

mos fomos testemunhas oculares da Sua majestade", II Pe 1.13. João, de igual modo, dizia: "Vimos a Sua glória, glória como do unigênito do Pai", Jo 1.14.

b) **Autoridade** - Autoridade em nome de Jesus, sobre os homens para obediência e, como sua prova, autoridade sobre os demônios para se lhes submeterem, Lc 10.17. Esta autoridade ninguém a possui, a não ser pela fé em o nome de Jesus. Nela está a presença do dom de Deus para o apostolado.

Os apóstolos reconheceram a autoridade emanada do nome de Jesus.

b1. - Para libertação da alma, do poder do pecado, pela remissão. Pedro referiu-se a Jesus, dizendo: "Dele todos os profetas dão testemunho de que, por meio do Seu nome, todo o que nEle crê recebe remissão dos pecados", At 10.43.

b2. - Para libertação do corpo, da influência satânica: "Senhor, os próprios demônios se nos submetem pelo teu nome", Lc 10.17.

b3. - Para libertação do corpo das enfermidades. Pedro disse ao coxo: "Não possuo nem prata nem ouro, mas o que tenho isto te dou: Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda". Explicando o motivo da cura operada no homem coxo, disse: "Pela fé em o nome de Jesus, esse mesmo nome fortaleceu a este homem", At 3.6,16. Para eles o nome de Jesus era a fonte inesgotável de ilimitada autoridade. Era o estandarte que lhes assegurava o pleno domínio sobre todos os poderes oriundos do reino das trevas. Não foram ordens, apenas, as palavras do Mestre, mas real transmissão de poder: "Curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expeli demônios", Mt 10.8. A autoridade que lhes fora transmitida por Cristo - "deu-lhes autoridade", foi também consolidada pela experiência pessoal, mediante a convivência com

Cristo, pelo que podiam dizer ousadamente. "Nós não podemos deixar de falar do que vimos e ouvimos", At 4.20.

Foram testemunhas auriculares dos ensinos maravilhosos de Jesus. Foram testemunhas oculares dos Seus feitos miraculosos e da Sua ressurreição. Jesus lhes dissera: "Vós sois testemunhas destas coisas", Lc 24.48. A tal ponto levaram a sério a incumbência e as qualificações exigidas para o encargo que, diante do problema da substituição de Judas no apostolado, não olvidaram a importância de alguém que houvesse estado com Jesus todo o tempo. "É necessário, pois, que dos homens que nos acompanharam todo o tempo que o Senhor Jesus andou entre nós, começando com o batismo de João até ao dia em que dentre nós foi levado às alturas, um destes se torne testemunha conosco da sua ressurreição", At 1.21,22.

Os doze foram privilegiados pelo fato de serem testemunhas diretamente dos **Ensinos de Jesus**, ouvindo-O, dialogando, interrogando naquelas oportunidades que só eles tiveram, o que ocasionou as explicações de ensinos difíceis de entender, como entre outros, as parábolas do semeador e do joio, que poderiam ser objetos de diferentes interpretações, se não houvessem sido explicadas pelo Mestre. Dos **Milagres Operados por Cristo**, em afirmações unânimes, coerentes, exatas e seguras, como pela providência divina, para preservação da veracidade histórica dos seus feitos, como credenciais do Seu Ministério divino, ante às tentativas dos incrédulos e materialistas, de negarem a origem sobrenatural dos milagres do Senhor Jesus. Da **Sua Ressurreição**, em condições tais que Lucas, "depois de acurada investigação dos fatos, junto aos que foram deles testemunhas oculares" (Lc 1.2,3), afirma que Cristo "Se apresentou vivo, com

muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das coisas concernentes ao reino de Deus", At 1.3,4.

O privilégio de conversar com Cristo, antes e depois da morte, na Sua humilhação e na Sua glorificação, coube exclusivamente aos doze apóstolos. Neste particular, os doze não tiveram substitutos. Estes privilégios, não os tiveram outros chamados apóstolos posteriormente. Mattew Henry diz: "Os doze discípulos, os primeiros enviados por Cristo, são eminentemente chamados apóstolos; são os Primeiros Ministros de Estado do Seu reino", Pg. 1.251.

Por estes motivos, como memorial eterno, estarão gravados nos doze fundamentos da muralha da Nova Jerusalém "os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro" (Ap 21.14), e assentar-se-ão "em tronos para julgar as doze tribos de Israel", Lc 22.30. Este juízo será baseado na doutrina que receberam diretamente do Filho de Deus e transmitiram aos seus contemporâneos, das doze tribos de Israel.

3. PAULO, BARNABÉ E OUTROS - APÓSTOLOS ENVIADOS PELO ESPÍRITO SANTO.

"Servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-me agora a Barnabé e a Saulo, para a obra a que os tenho chamado... Enviados pois pelo Espírito Santo, desceram a Selêucia e dali navegaram para Chipre", At 13.2,4.

Aos doze Jesus chamou e enviou. Aqui é o Espírito Santo quem chama e envia. O Espírito Santo tem autoridade divina para chamar e enviar, e os termos são os mesmos usados por Cristo, indicando o mesmo ofício e a mesma comissão.

Paulo e Barnabé não apenas seguiram em uma viagem evangelística ou missionária; foram enviados pelo Espírito Santo, e por isto e porque o

trabalho que realizaram era realmente uma obra apostólica, foram reconhecidos como apóstolos. A respeito da luta destes **Enviados pelo Espírito Santo**, em Icônio e Listra, encontramos o seguinte registro: "... uns eram pelos judeus e outros pelos apóstolos... Os apóstolos Barnabé e Paulo, rasgando suas vestes, saltaram para o meio da multidão..." At 14.4,14.

Em Rm 16.7, lemos que Adrônico e Júnia eram notáveis entre os apóstolos ou como apóstolos. Presume-se que eles se tornaram merecedores deste título, pelo seu zelo apostólico, como pregadores ou missionários. De igual modo, o ofício apostólico é também atribuído a Tiago, irmão do Senhor (Gl 1.19), que certamente converteu-se depois da morte de Cristo, Jo 7.5; At 1.14. Estes foram chamados apóstolos, constituídos e enviados pelo Espírito Santo e, sem dúvida, exerceram um ministério com aquelas características apostólicas.

A. Suas Credenciais. Paulo as apresenta aos coríntios, nestes termos: "As credenciais do meu apostolado foram apresentadas no meio de vós, com toda a persistência, por sinais, prodígios e poderes miraculosos", II Co 12.12. Como já estudamos, foram estas as credenciais do Grande Apóstolo, Jesus, ainda que em proporções maiores. Foram também as mesmas apresentadas pelos doze.

Quando as autoridades dos judeus procediam contra os apóstolos Pedro e João, por causa da cura do coxo da porta Formosa, os membros do Sinédrio "consultavam entre si, dizendo: Que faremos a estes homens? Pois na verdade é manifesto a todos os habitantes de Jerusalém que um sinal notório foi feito por eles e não podemos negar", At 4.15,16. A cura divina e a operação de milagres no ministério dos apóstolos constituíam credenciais aceitas até mesmo pelos inimigos do Evangelho.

Quando Pedro curou a Enéias, paralítico há oito anos, as cidades de Lida e Sarona abriram as suas portas para o Evangelho. "Viram-no todos os habitantes de Lida e Sarona, os quais se converteram ao Senhor", At 9.33-35. Pedro ressuscitou a Tabita e: "Isto se tornou conhecido por toda a Jope, e muitos creram no Senhor", At 9.40-42.

Quando Paulo e Barnabé curaram o homem aleijado e paralítico em Listra, quando "as multidões viram o que Paulo fizera, gritaram em língua licaônica, dizendo: "Os deuses em forma de homens baixaram até nós", At 14.8,11. Sem estas credenciais, os judeus incrédulos e os gentios pagãos, na melhor das hipóteses, poderiam fazer acertadamente o conceito errado, como ocorreu ao dizer: "São pregadores de deuses estranhos", At 17.18.

De alguns apóstolos nada sabemos de seus ministérios, mas do que nos informa o relato bíblico ou mesmo as tradições, a operação miraculosa, sempre presente em suas atividades apostólicas, constituíam credenciais divinas a distingui-los dos pregadores das diferentes seitas religiosas da época.

B. Suas Qualidades Apostólicas. Verificamos na vida dos apóstolos, fraquezas e imperfeições que os identificam como seres humanos, sujeitos a elas. Entretanto, esses acidentes não ocultam a beleza das qualidades e a nobreza de caráter com que se qualificaram, para um ministério, em todos os aspectos, sobrenatural. Entre outras, destacamos, pelas suas relações com o dom apostólico, a humildade, a modéstia e a honestidade, com que reconheciam a sua dependência de Deus, em tudo quanto de maravilhoso realizavam pela graça de Deus. Essas qualidades eram resultado de uma profunda experiência espiritual e a prova

de sua habilitação para um ministério que iria chamar a atenção de multidões para eles, o que seria o tipo de tentação a que muitos homens têm sido incapazes de resistir. Naturalmente que a árvore quanto mais alta e mais frondosa tanto mais precisa de raízes possantes e profundas, do contrário não resistirá o impacto dos fortes ventos.

Ao paralítico, Pedro disse: "Olha para nós". Ao povo admirado, pelo milagre operado, disse diferente: Olhai para Jesus Cristo. "Apegando-se ele a Pedro e a João, todo o povo correu atônito para junto deles no pórtico chamado de Salomão. À vista disto, Pedro se dirigiu ao povo dizendo: Israelitas, por que vos maravilhais disto, ou por que fitais os olhos em nós como se pelo nosso próprio poder ou piedade o tivéssemos feito andar?... Pela fé em o nome de Jesus, esse mesmo nome fortaleceu este homem que agora vedes e conheceis; sim, a fé que vem por meio de Jesus, deu a este saúde perfeita na presença de todos vós", At 3.4-16.

Quando as multidões maravilhadas pela cura do paralítico em Listra, queriam oferecer sacrifício, endeusando a Paulo e Barnabé, esses, "rasgando as suas vestes... clamaram: Senhores, por que fazeis isto?..." At 14.14,15.

Paulo, quando em defesa do seu apostolado tinha de afirmar: "Trabalhei muito mais do que todos eles" (os outros apóstolos), acrescentava: "Todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo", I Co 15.10. Isto é o justo reconhecimento do preceito bíblico: "Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória", Sl 115.1. É quando nos reconhecemos meros vasos, que Deus pode encher-nos e usar-nos para o desempenho das mais importantes tarefas. As propagandas exageradas a respeito de conversões de milhares e de grandes milagres,

repetidamente proclamados, não têm apoio nestes exemplos...

C. As Obras dos Apóstolos. Como nos itens anteriores falamos das credenciais e das qualidades dos apóstolos, sem fazer distinção entre os doze e Paulo e Barnabé, trataremos também aqui, na obra do apóstolo, nos seus aspectos comuns, visto que neste mesmo capítulo já analisamos os privilégios, particularmente dos doze.

Cristo lançou o fundamento da Igreja Universal. Os apóstolos lançaram os fundamentos da Igreja como assembléia, a ser constituída e organizada em diferentes lugares.

Paulo se referindo à constituição doutrinária da Igreja em Corinto, diz: "Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei o fundamento, como prudente construtor..." I Co 3.10. O assunto, em linguagem idêntica, é exposto por Paulo em Ef 2.20.

A Igreja em Samaria foi organizada pelos apóstolos Pedro e João, mas teve a Filipe como fundador, na qualidade de pregador pioneiro, At 8. 4-13. Com esta e poucas exceções, foram os apóstolos que lançaram o fundamento das Igrejas, quer como pioneiros da evangelização, quer como organizadores e doutrinadores. Disto provinha a autoridade para reclamações como estas: "Acaso não sois fruto do meu trabalho no Senhor?... Vós sois o selo do meu apostolado," I Co 9.1,2.

Paulo, ao que nos informa o Novo Testamento, foi o mais destacado neste grande ministério. De modo a magnificar a graça de Deus, como causa do êxito extraordinário do seu apostolado, apresenta-se como "sábio construtor" e faz transparecer a presença de todos os dons ministeriais na sua própria pessoa. Em II Tm 1.11, "fui designado pregador (evangelista), apóstolo e mestre".

Identifica-se também como um autêntico pastor, em expressões como estas: "Filhinhos, por quem de novo sinto as dores de parto"... "Além das coisas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as Igrejas. Quem enfraquece que eu não enfraqueça? Quem se escandaliza que eu não me inflame?" Gl 4.19; II Co 11.28,29. Do ministério profético em Paulo já fizemos menção em outro capítulo. Assim vemos que os doze foram apóstolos em um sentido único. Que houve apóstolos - enviados pelo Espírito Santo, depois dos doze. Que este dom ministerial Deus o estabeleceu na Igreja", "com vistas ao aperfeiçoamento dos santos, para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo - a Igreja", I Co 12.28; Ef 4.11,12. Portanto, se a Igreja ainda continua na terra, tendo os mesmos serviços a desempenhar, e o Espírito Santo que chamou e enviou o terceiro grupo apostólico permanece com a Igreja, não deve haver receio em se afirmar que através dos séculos tenham surgido, levantados por Deus, muitos homens com ministérios semelhantes ao dos primeiros apóstolos. Homens como os que compõem a famosa galeria dos Heróis da Fé, de O.S.Boyer, podem ser admitidos ou considerados como verdadeiros apóstolos. Homens como Gunnar Vingren e Daniel Berg, em seu trabalho pioneiro na evangelização, na maneira sábia de lançar os fundamentos doutrinários da Igreja Assembléia de Deus em terras brasileiras, que tiveram ministérios assinalados por grandes sinais e prodígios, foram, sem favor algum, verdadeiros apóstolos. A sua obra e a sua história, podem ser consideradas genuína repetição dos Atos dos Apóstolos.

Sabemos que apóstolo significa também missionário e que não é apenas um título ministerial.

É um dom de Deus à Sua Igreja, para um ministério extraordinariamente poderoso. Daí não nos parecer razoável afirmar que "os pastores estão no lugar dos apóstolos", como já ouvimos de alguns. Como um apóstolo pode possuir o dom de pastor, em um pastor pode ser visto um apóstolo, mas isto não é comum, não é fácil, não é regra, e só é justo admiti-lo em face das qualidades, das credenciais e da obra de apóstolo, no sentido escriturístico.

Também não se pode aceitar que um missionário seja, em regra, um apóstolo. Não nos cabe determinar especificamente o trabalho do missionário e, de fato, em vários setores de atividades evangelísticas, poderão ser muito úteis. Não é justo desconhecer o mérito e a importância do verdadeiro missionário, entretanto, nesta esfera ministerial tem havido meras aventuras. A alguns se poderia chamar "turistas remunerados". Há os que se ocupam de esportes e de seus próprios negócios e de nada mais. Que vivem de fotografias de grupos que não foram ganhos por eles. Há os que se abrigam à sombra das grandes Igrejas, a espreitar oportunidades para liderar. Que não estão infringindo o preceito bíblico, "edificando sobre o fundamento alheio", porque afinal não estão edificando nada. Os que usam o poder econômico de suas missões de origem, para exercer influência sobre os pastores locais. A despeito de tudo isto, "Deus tem levantado e continua levantando ainda hoje homens com dignidade e poder apostólico, especialmente nos campos missionários, conquanto não sejam conhecidos como tais, mediante este título, e sim pela manifestação do poder espiritual para a realização de trabalho realmente apostólico".

CAPÍTULO IV

PROFETA

Certo erudito cristão define profeta como **"proclamador de verdades inspiradas"**. Significa também **"aquele que fala a outrem da parte de alguém"**. Neste sentido, Arão foi profeta de Moisés, Êx 7.11. Jesus é identificado como Profeta de Deus: "Tenho-vos falado a verdade que ouvi de Deus", Jo 8.40.

A mensagem do profeta pode ser predição de eventos futuros, como no caso de Ágabo, At 21.10, ou de Paulo a predizer a manifestação do "homem do pecado, com sinais e prodígios de mentiras..." II Ts 2.1-12, ou inspiração de doutrinas "para aperfeiçoamento dos santos... e edificação do corpo de Cristo", Ef 4.11,12, ou exortação e edificação, I Co 14.4.

De todos os dons ministeriais estabelecidos por Cristo em Sua Igreja, encontramos em Sua própria pessoa o excelente modelo e o mais elucidativo exemplo. Portanto, começaremos por estudar este ministério na pessoa do Senhor Jesus Cristo.

1. JESUS, O PROFETA RECONHECIDO.

Jesus não foi apenas um profeta e, sim, o **Grande Profeta**, Senhor absoluto de todas as revelações do Pai, do céu, do futuro e da eternidade. Jesus foi reconhecido o profeta prometido:

A. Pelo Testemunho das Escrituras. Sem dúvida alguma, foi Ele o profeta, cuja vinda fora predita por Moisés, cerca de mil e quinhentos anos antes do Seu nascimento. "Suscitar-lhe-ei um profeta no meio de seus irmãos, semelhante a ti, em cuja boca porei as minhas palavras, ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar", Dt 18.18. Esta predição é expressamente aplicada ao Senhor Jesus, na melhor concepção exegética. Em seu sermão aos judeus no templo, Pedro afirma ser Jesus o profeta prometido por intermédio de Moisés, At 3.22,23.

B. Pelo Caráter Maravilhoso do Seu Ministério. Várias vezes Jesus foi identificado como Profeta de Deus, pelos feitos maravilhosos que realizava. Quando fartou a multidão de mais de cinco mil pessoas, com cinco pães e dois peixes, "vendo, pois, os homens o sinal que Jesus fizera, disseram: Este é verdadeiramente o Profeta que devia vir ao mundo", Jo 6.14. O mesmo aconteceu quando Ele ressuscitou o filho da viúva de Naim. "... Todos ficaram possuídos de temor e glorificavam a Deus, dizendo: Grande profeta se levantou entre nós e Deus visitou o Seu povo", Lc 7.16; Jo 9.17. De igual modo, os discípulos que foram testemunhas dos feitos maravilhosos de Cristo disseram que Jesus "era varão profeta, poderoso em obras e palavras", Lc 24.19.

C. Pela Revelação de Deus aos Homens. Este é um aspecto dos mais importantes do ministério profético, e Jesus o desempenhou da maneira mais sublime e mais perfeita. São Suas estas palavras: "Ninguém jamais viu a Deus: O Filho unigênito que está no seio do Pai, é quem o revelou"... "Ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar", Jo 1.18; Mt 11.27. A mais disse Ele: "Quem veio do céu está acima de todos", Jo 3.31. Isto é certo, especialmente tendo em vista que foi o Seu Espírito quem falou em todos os outros profetas, I Pe 1.11.

A mulher samaritana, a despeito do precário estado espiritual em que se encontrava, ao ouvir Jesus falar do Pai e da adoração a Deus "em espírito e em verdade", dominada pelo poder da inspiração das palavras de Jesus, foi constrangida a confessar: "Senhor, vejo que és profeta", Jo 4.19.

D. Pelas Suas Predições do Futuro e da Eternidade. A predição é, inegavelmente, um aspecto distinto do ministério profético e, disto, na melhor

forma, Jesus foi singular exemplo, pois nEle os dons eram manifestados de maneira ilimitada. "Deus não lhe dá o Espírito por medida", Jo 3.34.

As predições proféticas de Jesus não têm atualmente apenas aquele aspecto escatológico, mas também o histórico. Muitas de Suas profecias são coisas do futuro, aceitas pela fé somente. Outras, entretanto, já se cumpriram literalmente ou estão se cumprindo à vista de todos. São fatos que saíram da esfera preditiva para a histórica. Entre esses, os terremotos, as guerras e rumores de guerras, fomes e pestilências, preditas como "o princípio das dores", de maneira que ninguém duvida em nossos dias.

Entre outras predições cuja veracidade é sobejamente comprovada pela história, destaca-se a destruição de Jerusalém, ocorrida no ano setenta da era cristã, pelo exército de Tito, general romano, Lc 19.41-44. Ao lamentar tal destruição, relacionada com a rejeição à Sua pessoa, como Aquele de quem dependia a sua paz, por duas vezes Jesus declara ser profeta. "Hoje e amanhã expulso demônios e curo enfermos e no terceiro dia terminarei... porque não se espera que um profeta morra fora de Jerusalém. Jerusalém! Jerusalém! que matas os profetas..." Lc 13.32-34.

Estes passos efetivamente revelam ser Jesus o Grande Profeta, com a maior autoridade e o mais glorioso ministério.

2. PROFETA, UM DOM MINISTERIAL.

Passaremos a estudar alguns trechos bíblicos que revelam, acima de qualquer dúvida, ser o profeta do Novo Testamento **Um Dom Ministerial**, distinto, portanto, do que pretendem alguns ser o dom de profecia atualmente. Este dom ministerial foi dado à Igreja depois que Cristo "subiu às alturas", que certamente, como os demais dons espi-

rituais, se manifestou depois da descida do Espírito Santo, no dia de Pentecoste, Ef 4.7-11; I Co 12.28.

Assim podemos ver com clareza, que o profeta representava um Dom Ministerial de reconhecida autoridade perante a Igreja. A prova disto é encontrada em Atos 13.1-3. Aqui temos uma reunião, em que estava presente um grupo de profetas, por quem "disse o Espírito Santo: Separai-me agora a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado". O texto em seguida nos dá clara idéia da autoridade ministerial que tinham. "Então, jejuando e orando, e impondo sobre eles as mãos, os despediram". Isto nunca teria acontecido se não se tratasse de pessoas de reconhecida autoridade ministerial, pois o que aconteceu é muito semelhante ao ocorrido, sob a presidência de Paulo e Barnabé, em At 14.23. "Promovendo-lhes em cada igreja a eleição de presbíteros, depois de orar com jejuns, os encomendaram ao Senhor em quem haviam crido".

3. ANALOGIA ENTRE O PROFETA DO VELHO E DO NOVO TESTAMENTO.

Entre o ministério do profeta do Velho e do Novo Testamento há muita semelhança, conquanto haja também grande diferença.

É quase certo que alguns pensam em um profeta do Velho Testamento, a maneira do que julgam ser um profeta em nossos dias. Pensam talvez em um homem de joelhos, com os olhos fechados, a proferir, sob o impulso do Espírito Santo, uma mensagem preditiva ou de advertência. Este conceito, entretanto, não corresponde ao profeta nem do Velho nem do Novo Testamento.

O mais certo é pensar em um homem sentado a uma mesa, a escrever a mensagem que Deus lhe vai colocando na mente, ou mesmo ditando para outro escrever, como no caso de Jeremias e Baru-

que (Jr 45), etc. Falando ao povo, convocado especialmente para determinadas ocasiões. Outras vezes falando ao rei, às autoridades de seu país, em audiências obtidas propositadamente, e ainda transpondo as fronteiras do seu país, andando léguas e léguas, levando impressa em sua mente a mensagem de Deus, a outros povos, à semelhança de um estadista, um emissário, com autoridade para denunciar as transgressões dos reis, dos príncipes e povos, a exortá-los ao arrependimento e à conversão a Deus, como faz em nossos dias, um pregador do Evangelho, movido pelo Espírito Santo.

Neste particular, há acentuada analogia entre o profeta do Antigo Testamento e um ministro do Evangelho em nossos dias, e não há dúvida de que este é, de fato, um dos aspectos do ministério profético na atual dispensação.

Duas coisas desejamos fique bem claro. Primeiro, que não pretendemos apresentar aqui um estudo sobre os dons espirituais, e segundo que não duvidamos, nem de leve, que Deus Se manifeste através do dom de profecia, enquanto estamos orando, pois se estamos falando com Deus, Ele poderá falar-nos também, e as Escrituras revelam com clareza que a profecia é um dos meios pelos quais Deus se comunica ou fala com o Seu povo. E mais: "Há diversidade de dons e o mesmo Espírito distribui a cada um como lhe apraz", I Co 12.11.

Consideremos ainda outros pontos análogos entre o ministério do profeta do Velho e do Novo Testamento:

A. Procedência dos Ministérios. Ambos provinham do Espírito Santo - A analogia consiste fundamentalmente em serem os ministérios dos dois pactos resultado da inspiração do Espírito Santo, na forma dos desígnios de Deus.

B. Seus Aspectos Preditivos. Em ambos aparece o aspecto preditivo do ministério profético. Na profecia de Ágabo, conforme lemos em At 11.27, 28 e 21.10,11, vemos manifestado, de modo a ressaltar verdades doutrinárias dignas de nota, pois a predição em si veda-nos o direito de negar dogmaticamente, como tentam alguns autores, o aspecto preditivo da profecia no Novo Testamento. Deus é Soberano para proceder conforme as necessidades do Seu povo, em diferentes circunstâncias.

A única norma infalível na regulamentação dos dons espirituais é a Palavra de Deus e, de acordo com esta, a profecia nunca deixou de ter a parte preditiva, ainda que nem sempre consista de predição exclusivamente.

Nos textos já citados, as profecias são preditivas. Ágabo predisse "que estava para vir grande fome por todo o mundo, a qual sobreveio nos dias de Cláudio", At 11.28. Predisse que Paulo seria preso pelos judeus em Jerusalém e isto aconteceu dias depois, At 21.10,11 e 30-37. Houve predição e tudo se cumpriu. O cumprimento da profecia é invariavelmente a prova de sua autenticidade, como sendo uma fala da parte de Deus, Dt 18.22.

Portanto, não é razoável negar que haja ou possa haver predição em uma profecia atualmente. Se de fato não há, à semelhança do ministério profético da dispensação passada, há, entretanto, tantas quantas vezes Deus queira avisar o Seu povo ou preveni-lo contra circunstâncias adversas a se manifestarem ou despertando-o como muitas vezes temos visto acontecer.

C. Os Profetas eram Ministros Pregadores. Tanto no Velho como no Novo Testamento, os profetas eram ministros pregadores. Como se deduz de I Co 14.4, a prédica pode ser uma mensagem de "edificação, exortação e consolação".

No mesmo capítulo, verso trinta é revelação e no verso trinta e um é ensinamento: "Porque todos podereis profetizar um após o outro, para todos aprenderem..."

Em At 15.23, temos o profeta consolando, fortalecendo e aconselhando. "Judas e Silas, que eram também profetas, consolaram os irmãos com muitos conselhos e os fortaleceram". Ao texto citado, poder-se-ia dar esta versão: "Os pregadores Judas e Silas, que eram também profetas", este último foi também um dos pioneiros na evangelização da Ásia e da Europa, em companhia de Paulo, At 15 a 18. Portanto, o profeta no Novo Testamento, pode ser o pregador dos tempos apostólicos e dos nossos dias. Isto, contudo, não significa que qualquer pregador seja profeta ou que profeta seja um outro nome dado ao pregador. Há distinção entre os dois ofícios, conquanto possam ser encontrados ou manifestados em um só ministro cheio do Espírito Santo. É certo, também, que o título de profeta bem poderia ser usado para designar o ministério de alguns obreiros, em virtude da sua natureza sobrenatural, pela abundância da inspiração com que proclamam os oráculos de Deus. Tudo parece novo. Pura revelação. Edificação que conduz o crente à vitória plena, nos momentos de dúvidas, com exortações que consolam. Confortos que trazem libertação completa. Revelações que abrem novos horizontes e inspiram novas esperanças! Estas são as características do ministério profético no Novo Testamento.

Paulo faz menção deste ministério, destacando o seu caráter arrebatador: "Se todos profetizarem, e entrar algum incrédulo ou indouto, é ele por todos convencido e por todos julgado; tornam-se manifestos os segredos do seu coração e, assim, protrando-se com a face em terra, adorará a

Deus, testemunhando que Deus está de fato no meio de vós", I Co 14.24,25. O ouvinte, como freqüentemente tem acontecido, diante da mensagem penetrante, sente-se como se o pregador estivesse bem informado de sua vida pecaminosa e estivesse pregando a respeito dele e para ele exclusivamente. "Então, prostrando-se" submete-se inteiramente a Deus, aceitando a mensagem salvadora. Este ministério sempre foi e continua sendo, onde se manifesta, um meio eficaz de promover avivamento espiritual.

Claro é que ninguém transmite a outrem o que não possui ou o que ignora. Daí concluirmos que este dom deve ser privilégio de quem tem o privilégio ainda maior de uma vida de íntima comunhão com Deus; envolta em uma intensa atmosfera espiritual permanente.

Uma das características do profeta é ser um homem de oração, um intercessor. O título de profeta é mencionado pela primeira vez em Gn 20.7 e é atribuído a Abraão, "o amigo de Deus", com esta distinção: "Ele é profeta, e intercederá por ti, e viverás".

Os profetas tinham o ministério distinto dos mestres (ensinadores da doutrina) na Igreja Primitiva. O ministério do ensino se caracteriza pela maneira lógica de expor a doutrina, apelando às faculdades racionais dos ouvintes. O profeta, ao contrário, a sua mensagem apela mais diretamente à consciência, através das emoções.

A mensagem do profeta no Novo Testamento é produto de imediata revelação do momento. Pode ser mediante a iluminação de um texto ao pregador e a poderosa inspiração na exposição da mensagem ou propriamente pelo dom de profecia. De uma maneira ou de outra, este ministério se evidenciará pelo seu caráter sobrenatural.

D. A Finalidade do Ministério Profético. Uma das principais finalidades do ministério profético no Velho Testamento era a de trazer aos homens a preciosa revelação das verdades eternas encerradas nas Sagradas Escrituras da antiga aliança. Completo o conjunto dessas revelações, findou com Malaquias, cerca de quatrocentos anos antes de Cristo, o ministério profético. Foi aquele período, em que "Deus falou muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais pelos profetas", Hb 1.1.

As últimas palavras do profeta Malaquias, registradas no seu livro deixam transparecer a idéia de retirada, de ausência e de uma despedida de séculos: "Lembrai-vos da lei de Moisés, meu servo, a qual lhe prescrevi em Horebe, para todo o Israel, a saber, estatutos e juízos. Eis que eu vos envio o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor", Ml 4.4,5.

Conforme a interpretação do próprio Senhor Jesus, a menção ao profeta Elias era uma referência típica a João Batista, Mt 17.11-13. Depois de quatrocentos anos de silêncio profético, surgiu, como precursor de Cristo, constituindo um elo de ligação entre o Antigo e Novo Testamento. Foi João Batista o primeiro profeta a contribuir para a formação do cânon do Novo Testamento, no que foi sucedido pelos ministros profetas do Cristianismo. Somente no fim do primeiro século da era cristã, ficaram completas as Sagradas Escrituras que temos hoje. Da mesma maneira que os profetas do Antigo Pacto contribuíram para a formação do Velho Testamento, assim também, pela revelação divina, vieram às nossas mãos as verdades que compõem o Novo Testamento, cujas verdades Paulo as denomina de "o mistério de Cristo, o qual em outras gerações não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como agora foi revelado aos seus san-

tos apóstolos e profetas no Espírito", Ef 3.4,5. É o que também refere o mesmo apóstolo ao dizer: "... a revelação do mistério que desde tempos eternos esteve oculto, mas se manifestou agora, e se tornou conhecido pelas Escrituras dos profetas, segundo o mandamento do Deus eterno, a todas as nações para a obediência da fé", Rm 16.25,26. Estes mistérios, que por todo o poder da mente humana não poderiam ser descobertos, nos foram dados a conhecer, mediante a revelação do Espírito de Deus aos Seus santos apóstolos e profetas.

Como se pode observar, o profeta ocupa lugar destacado como contribuinte para o "aperfeiçoamento dos santos, para o desempenho de Seu serviço (de Deus), para edificação do corpo de Cristo", Ef 4.11,12. Foram também participantes com os apóstolos na consolidação da estrutura doutrinária da Igreja, mediante a revelação do plano de Deus para a salvação dos gentios, Ef 3.3-6.

É neste sentido que Paulo afirma que a Igreja está "edificada sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas", Ef 2.20. Não sobre as pessoas deles, mas sobre "Cristo Jesus, a pedra angular", v.21, segundo as revelações que nos vieram pelos ministérios apostólicos e proféticos, pelos quais Deus nos proveu as infalíveis doutrinas contidas nas epístolas e as esplêndidas revelações dos Seus eternos propósitos, mediante os méritos do sacrifício de Jesus, e assim foram completas as Sagradas Escrituras do Velho e do Novo Testamento e encerradas com este selo: "Eu a todos aqueles que ouvem as palavras da profecia deste livro, testifico: Se alguém lhes fizer qualquer acréscimo, Deus lhe acrescentará os flagelos escritos neste livro; e se alguém tirar qualquer coisa das palavras desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, da

cidade santa e das coisas que se acham escritas neste livro", Ap 22.18,19.

"Desde então o ofício de profeta permanece, não para acrescentar algo à perfeita revelação das Escrituras, mas para edificar o corpo de Cristo mediante o inspirado e inspirador dom de um ministério que interpreta e aplica essas Escrituras com nova luz, vida e poder, a cada geração e a cada circunstância, por uma renovada e imediata operação do Espírito Santo." (Donald Gee).

4. DIFERENÇA ENTRE OS DOIS MINISTÉRIOS.

Como ficou demonstrado, conquanto haja muita semelhança entre os ministérios proféticos do Velho e do Novo Testamento, há, contudo, algo bastante diferente e consiste no seguinte:

A. Não Têm as Mesmas Características. Os mesmos textos que revelam a manifestação da profecia preditiva na atual dispensação, também demonstram não possuir este dom todas as características e finalidades do ministério profético anterior.

Ágabo, um autêntico profeta, ao predizer a fome que sobreviria em dias futuros, limitou-se a "dar a entender pelo Espírito que estava para vir grande fome, por todo o mundo". O mais ficou com a assembléia, com "os discípulos, que resolveram enviar socorro aos irmãos". Quando predisse a prisão de Paulo em Jerusalém, "tomando o cinto de Paulo, ligando com ele os seus próprios pés e mãos, declarou: Isto diz o Espírito Santo: Assim os judeus em Jerusalém farão ao dono deste cinto e o entregarão nas mãos dos gentios..." O conselho para que Paulo não subisse a Jerusalém foi de Lucas e demais companheiros do apóstolo. A decisão foi de Paulo, que orientado e dirigido pelo Espírito Santo, afirmou: "Estou pronto, não só para ser preso, mas também para

morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus". Sendo um homem espiritual, profundo conhecedor da instância da profecia, não se demoveu da convicção de estar no plano de Deus a sua ida a Jerusalém, que era o caminho, para que testemunhasse de Jesus em Roma. Ágabo e os demais, não o podendo persuadir, conformados disseram: "Faça-se a vontade do Senhor", At 21.10-14; 23.11.

B. Não Tem a Finalidade de Estabelecer Normas. A autoridade máxima em matéria de fé, a norma infalível da vida espiritual, a temos completa e perfeita no Velho e Novo Testamento. Nem podemos crer que possuam realmente o dom de profecia aqueles que pretendem ser profetas, sem se submeterem às normas estabelecidas pela Palavra de Deus e ensinadas por aqueles a quem Ele chamou, ungiu e confirmou como Seus ministros, para o bem de Sua Igreja. Aliás, esta era também a concepção autorizada de Paulo: "Se alguém se considera profeta, ou espiritual, reconheça ser mandamento do Senhor o que eu vos escrevo", I Co 14.37.

As porções bíblicas, que analisamos, deixam bem claro que o dom de profecia no Novo Testamento não tem a finalidade de estabelecer normas para a vida cristã, para o governo da Igreja e para a maneira de agir dos ministros, especialmente se tais "normas" são contrárias às doutrinas neotestamentárias.

C. Continua na Atual Aliança. Talvez a maior diferença entre o ministério profético passado e o atual, habite no fato de nada haver que evidencie o desaparecimento total deste dom ministerial, ou qualquer outro dom concedido à Igreja de Cristo. Continua existindo. Existirá na Igreja de Cristo, até à Sua vinda, onde quer que seja aceita a sua vigência, de acordo com o padrão escriturístico.

Nós o temos visto, bem como os demais dons, manifestados em nossos dias, em nosso meio. Permita Deus que os cristãos despertem para reconhecer a importância e a grande necessidade deste ministério na Igreja.

Duas palavras de advertência, no entanto, nos parece oportuno:

a) **Não deve ser negligenciado.** Tememos que a negligência dos cristãos de hoje para com os dons espirituais já implique em desprezo aos recursos divinos concedidos à Igreja. Quanto ao dom de profecia, não deve ser negligenciado pelo receio de usá-lo erradamente. Aliás, nos dias de excessiva degeneração moral em que vivemos, não é tão grande o perigo do fanatismo (excesso no uso dos dons), como do formalismo e conformação com o que chamamos novo ritmo social;

b) **Não é infalível o dom de profecia.** Tememos que haja alguns desejosos do dom de profecia e, ao contrário do exemplo de Eliseu, se mostrem satisfeitos, simplesmente por receberem a "capa de Elias", não se preocupando com o necessário encontro com o Deus de Elias, do que depende a verdadeira autoridade para qualquer ministério espiritual, do que dependem os grandes resultados reais, II Rs 2.14. De acordo com os ensinos de Jesus, o profeta deve ser classificado, não tanto pelos dons e, sim, pelos frutos do Espírito, é o que se deduz de Mt 7.15-23.

Receiamos que alguns, neste particular, estejam seguindo o exemplo do rei Reoboão, que vendo roubada a Casa do Senhor dos "escudos de ouro que Salomão tinha feito" os substituiu por "escudos de bronze", I Rs 14.25-28. O bronze, mesmo muito bem polido, nunca se equipara ao ouro em beleza nem em valor. É sempre bronze!...

Se o ministério profético do Novo Testamento, em nossa concepção, consiste apenas em profecias que aparecem em termos da doutrina escrita e freqüentemente pregada dos púlpitos, trará consigo a impressão de mera repetição ou coisa desnecessária, especialmente quando proferidas sem aquele distintivo sempre presente na verdadeira profecia o poder da inspiração divina, que torna inconfundível a voz do Espírito Santo, despertando e edificando.

É certo que o Espírito Santo não erra e não falha. A falha ou o erro é de instrumento humano. Se, contudo, não houvesse a possibilidade de falhas ou erros na profecia, seria desnecessária a recomendação: "Tratando-se de profetas, falem apenas dois ou três e os outros julguem", I Co 14.29.

Precisamos tremendamente do ministério profético na Igreja em nossos dias, mas do modo real e tão proveitoso como o descreve o Novo Testamento!

CAPÍTULO V

EVANGELISTA

Evangelista significa **proclamador de boas novas** ou o que leva o Evangelho da Salvação.

De acordo com o sentido etimológico do termo, o mesmo tem aplicação especial ao Senhor Jesus. É o que vamos estudar inicialmente.

1. JESUS, O EVANGELISTA.

Dos cinco dons ministeriais mencionados em Ef 4.11, o evangelista é o único que não é atribuído de modo específico ao Senhor Jesus. No entanto, jamais se poderia encontrar em outra pessoa melhores características do verdadeiro ministério de evangelista. Ele o desempenhou com atividade, intensidade, zelo e eficiência muito além de qualquer homem na terra. Consideremos os seguintes tópicos:

A. Seu Ministério Predito. Neste ministério, como nos demais, Ele foi, na presciência de Deus, objeto de maravilhosas predições, não somente quanto ao Seu trabalho como Evangelista, mas também quanto ao caráter maravilhoso que o distinguiria. "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar BOAS NOVAS aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a por em libertade os algemados; a apregoar o ano aceitável do Senhor", Is 61.1-3. Jesus mesmo fez aplicação desta profecia à Sua própria pessoa, Lc 4.18,19.

Jesus de fato revelou-Se este Evangelista - pregador de boas novas que consistiam na libertação da alma, pela salvação, e do corpo, pela cura das enfermidades. Estas características correspondem ao duplo aspecto da obra redentora, a ser realizada por Cristo, o que de fato realizou. Foi disto que falou Isaías ao dizer: "Certamente Ele tomou sobre si as nossas enfermidades... foi traspassado

pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniqüidades", Is 53.4-6; Mt 8.16,17.

São numerosos os textos bíblicos que descrevem a pregação de Jesus aliada à cura das enfermidades. Mt 4.23; 9.35; Mc 1.34-38.

B. O Poder de Atração. Sem divulgações, sem propaganda, "onde quer que ele entrasse nas aldeias, cidades ou campos, punham os enfermos nas praças, rogando-Lhe que os deixasse tocar ao menos na orla da sua veste; e quantos a tocavam saíam curados", Mc 6.56. Glória a Jesus!

Apreciemos ainda a ênfase desta maravilhosa narrativa: "E vieram-Lhe multidões trazendo consigo, coxos, aleijados, cegos, mudos e muitos outros e os largaram junto aos pés de Jesus; e ele os curou", Mt 15.30,31. Era esta maravilhosa realidade que atraía "muitas multidões" a ouvir a pregação de Jesus. Os Seus ouvintes podiam ver neste caráter maravilhoso do Seu ministério evangelístico, inolvidável triunfo em um desafio dos poderes infernais, pois é o que se pode deduzir de "um monte de enfermos" aos pés de Jesus!

A despeito de Suas advertências para que não O expusessem à publicidade "de toda parte vinham ter com Ele", Mc 1.45. "A sua fama correu por toda a Síria; trouxeram-lhe então todos os doentes, acometidos de várias enfermidades e tormentos; endemoninhados, lunáticos e paralíticos. E ele a todos curou", Mt 4.24. Convém observar que "toda a Síria", não significa apenas o país que conhecemos com este nome, e, sim, a província romana que abrangia vários países, inclusive a Palestina. Tal era a extensão atingida pela "fama de Jesus"!

Se a esta forma do ministério evangelístico de Jesus se deve denominar de "evangelismo em massa", eis o tipo de evangelista que Ele foi...

Eis o ministério que Ele desempenhou! Eis como o realizou!...

Se pensarmos no outro método de evangelização, tido como dos mais eficientes em nossos dias - evangelismo pessoal - também podemos encontrá-lo exemplificado da melhor maneira, na pessoa do Senhor Jesus.

C. A Motivação do Seu Ministério. O amor e a compaixão O moviam a pregar às multidões que vinham ter com Ele. Pelos mesmos sentimentos "andava de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do reino de Deus", Lc 8.1. E também Se detinha para atender a um indivíduo, sem levar em conta a sua condição social e espiritual. Com o mesmo interesse com que demorou-Se, à noite, a falar do Novo Nascimento ao nobre Nicodemos, mestre em Israel, deteve-Se, ao meio dia, a falar da água viva, à mulher samaritana, pobre que não tinha quem lhe fosse buscar água na fonte, Jo 3.1-15; 4.5-30. Que maravilhoso exemplo de zelo e imparcialidade!

2. O DOM DE EVANGELISTA

Evangelista é um vocábulo encontrado apenas três vezes no Novo Testamento. "Filipe, o evangelista", At 21.8; "Ele mesmo concedeu uns para evangelistas", Ef 4.11; "Faze o trabalho de evangelista", II Tm 4.5.

Como vemos, a primeira referência é a um homem como evangelista, a segunda ao dom de evangelista e a terceira ao trabalho de evangelista - Um homem, o dom, o trabalho.

Talvez não haja aqui apenas mera coincidência, mas a sabedoria da Providência a estabelecer o esquema divino para a grande obra de evangelização, que é a força motriz da fé cristã e a causa

eficiente da existência da Igreja na terra e de milhões de salvos na glória!

A despeito das poucas referências ao evangelista, este importante ministério esteve em franca evidência na Igreja Primitiva, também tem estado presente na Igreja em todos os tempos, bem assim na atualidade.

Regra geral, admite-se que "a base para o ministério de evangelista deve ser um ardente amor pelas almas e um irresistível desejo de ganhar os perdidos para Cristo . Evangelista é, portanto, dádiva de Cristo à Sua Igreja, para o importante trabalho de ganhar almas, e não a designação de um ministério de categoria inferior, como supõem alguns" - de o Espírito Santo - do Autor.

Filipe, o único homem chamado de evangelista no Novo Testamento, era um dos sete diáconos da Igreja Primitiva, um dos que fôram dispersos por causa da perseguição que culminou com a morte de Estêvão, At 6.5; 8.1-5. A perseguição que elevou Estêvão, o diácono à categoria de mártir, elevou Filipe, também diácono, à categoria de evangelista. Nele podemos encontrar duas importantes qualidades:

a) Era um homem que até das adversidades sabia tirar proveito em favor da evangelização. Era disperso e não um refugiado medroso;

b) Era um homem a quem Deus podia falar por intermédio dos anjos. Que estava pronto a obedecer. Estava apto a ser dirigido por Deus, At 8. 26-29.

Não temos informação de que Filipe fora ordenado como evangelista para Samaria. Entretanto, a chama divina ardente em sua alma o impulsionava a "anunciar a Cristo" aos samaritanos. Das características de seu ministério, podemos aprender duas lições importantes:

A) O VERDADEIRO EVANGELISTA nunca é constrangido por ninguém ou não depende de incentivo. O Espírito Santo o constrange. O amor pelas almas o move. A vocação divina o inspira e anima. Ele é capaz de exclamar como Paulo: "Sobre mim pesa a obrigação... e ai de mim se não pregar o evangelho", I Co 9.16.

Devido à incorreta concepção do ministério de evangelista, vemos às vezes um "evangelista" ocupado com uma pequena Igreja, completamente fora de sua função ou mesmo sem qualquer evidência deste dom ministerial. É evangelista simplesmente porque alguém o determinou ou porque lhe deram este nome. Isto nada tem a ver com o verdadeiro ministério de evangelista; isto não tem nenhum fundamento bíblico. Nem se pode admitir que seja o meio correto de descobrir vocações para um ministério "mais elevado" ou habilidade para promoções...

B) O VERDADEIRO EVANGELISTA, conquanto seja um instrumento nas mãos de Deus para ganhar muitas almas e a conseqüente formação de novas igrejas, não tem por isto direito de se julgar independente do ministério de origem. Não deve se considerar dono da Igreja por a haver ganho. Não atribui a si superioridade. Não se ensoberbece. A sublimidade dos dons de Deus não leva a pessoa a exaltar-se. Quanto mais reais forem os dons divinos no homem de Deus, tanto mais profunda a sua humildade. Tanto mais visível a sua serenidade. Tanto mais pronta a sua submissão.

Os apóstolos foram cientificados de que Samaria recebera a palavra de Deus, At 8.14. Foram reconhecer oficialmente a nova Igreja, levando-lhe as normas doutrinárias de integração na plenitude do Evangelho da graça - o batismo no Espírito Santo.

Filipe plantou. Deus fez nascer a boa semente. Então Filipe apela para os apóstolos para que venham regar. Filipe reconhecia que "há diversidade de ministério". Que algo podia ser feito com maior proveito pelos apóstolos do que por ele. Sabia que um membro do corpo não pode prescindir dos demais e nem exercer a função de todos. Isto evidencia a existência de um dom de Deus. A presença de um dom espiritual traz luz divina!

3. O TRABALHO DO EVANGELISTA.

No ministério de Filipe temos importante modelo deste trabalho.

A didática moderna prima pelo método do ensino "audio-visual". É o meio mais fácil de entender. É o que vemos no ministério de Filipe. É o que precisamos ver no ministério da Igreja em nossos dias. "As multidões atendiam unânimes às coisas que Filipe dizia, **ouvindo-as e vendo os sinais que ele operava**. Pois os espíritos imundos de muitas pessoas saíam gritando em alta voz; e muitos paralíticos e coxos eram curados. E houve grande alegria naquela cidade", At 8.6,7. Era o Evangelho completo. Evangelho é "nova de grande alegria". Feliz o pregador do Evangelho que pode usar este método! No ministério de Jesus, foi a razão do que lemos: "Varão profeta, poderoso em obras e palavras".

A mensagem pura do Evangelho é coisa que se ouve e a fé vem pelo ouvir, é certo; mas a operação milagrosa, os sinais, são coisas que se pode ver e não se confundem com os embustes grosseiros dos feiticeiros e mistificadores.

As publicidades exageradas podem atrair multidões e em seguida afastá-las para mais longe. O poder de Deus atrai, transforma, liberta e enche de alegria. O próprio Simão, o mágico "acompanhava Filipe de perto, observando exta-

siado os sinais e grandes milagres praticados", At 8.13.

Assim temos a revelação clara de que o trabalho de evangelista é pregar a salvação e cura divina. É proclamar o poder de Deus para libertar a alma e o corpo, sem contudo dar exagerada ênfase à cura divina, colocando-a em plano superior à salvação, sabendo também que as maravilhas reais não precisam ser propagadas. Estas características, à luz do Novo Testamento, assinalam especialmente os ministérios pioneiros, como apóstolo e evangelista, embora a operação miraculosa não se limite em sua instância a estes ministérios. Por outro lado, a respeito daqueles que foram usados por Deus com poderes miraculosos, não há a mais leve menção a qualquer publicidade das curas operadas em nome do Senhor. As multidões eram atraídas pela realidade incontestável dos sinais visíveis e palpáveis. É provável que os apóstolos, e Filipe, o evangelista, como fazem corretamente muitos servos de Deus na presente época, falassem do poder de Deus para curar as enfermidades, pois a fé para receber a cura divina também "vem pelo ouvir da palavra de Deus". Daí a importância da instrução ao enfermo, antes da oração pela sua cura. Ao depois, entretanto, eram os fatos que falavam sem admitir contestação. Os agentes das publicações eram os cegos que agora viam, os paralíticos e coxos transitarem pelas ruas, manifestando incontida alegria. Eram os libertos dos espíritos imundos, em estado de admirável sensatez e felicidade. Os que eram atraídos pelos milagres, eram presos pela palavra. Os sinais constrangiam as multidões a atender. A pregação os fazia entender e crer conscientemente. "Quando, porém, deram crédito a Filipe, que os evangelizava a respeito do reino de Deus e do nome de Jesus

Cristo, iam sendo batizados, assim homens como mulheres", At 8.12. A palavra de Deus desperta a razão. Ilumina a consciência. Produz o arrependimento. Promove a conversão. Aprofunda a convicção da verdade e comunica a natureza divina, que modifica a natureza humana, em seu aspecto tríplice: Pensamento, sentimento e vontade. Os pensamentos são iluminados para entender a verdade; o sentimento é influenciado para amar a verdade e aborrecer o erro; a vontade é movida para aceitação da verdade libertadora, Jo 8.32.

A natureza da pregação de Filipe explica a razão do maravilhoso êxito do seu ministério; o seu grande tema era o nome de Jesus, tanto para a salvação das almas como para a cura das enfermidades, tanto em Samaria como no encontro com o etíope, na estrada deserta. "Evangelizava a respeito do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo... Começando por esta Escritura, anunciava-lhe a Jesus", At 8.12,35. Filipe cria como Pedro, que em nenhum outro nome há salvação, senão no nome de Jesus, At 4.12. Esta é a crença do verdadeiro evangelista. É o seu tema predileto, o mais proveitoso - "Jesus Cristo e este crucificado".

Jesus Cristo foi o Evangelista modelo. Filipe foi grande exemplo de imitação do Mestre. Pode ser tomado como paradigma deste importante ministério.

Jesus tanto pregava às multidões como a um indivíduo. Filipe desprendeu-se da grande popularidade que já desfrutava em Samaria; deixou as multidões maravilhadas e, na direção do Espírito do Senhor, foi ao encontro de um único homem a quem evangelizou com o mesmo interesse e grande resultado para o reino de Deus. Uma tradição informa que no quarto século do Cristianismo

ainda existia uma grande Igreja cristã na Etiópia, como fruto do testemunho daquele homem, ganho para Cristo por Filipe, na estrada deserta.

O ardor pelo trabalho da evangelização é a característica mais notável do verdadeiro evangelista e o poder de atrair as almas para Cristo, o Salvador, a evidência deste dom. A sua operação é tão eficaz nas multidões como nos indivíduos. É uma paixão que envolve amor e sofrimento. É como disse alguém: "Os filhos são gerados no amor, mas nascem na dor". De fato são esses os elementos que mais poderosamente determinam a decisão de rompimento definitivo com o mundo e o pecado e de aceitação a Cristo como Salvador e Senhor. Como Salvador da alma e Senhor da vida com o direito de governá-la.

O texto de II Tm 4.5 não diz que Timóteo era evangelista, entretanto a recomendação - "faze o trabalho de evangelista", evidentemente nos revela que existia este dom em Timóteo, a respeito do qual o apóstolo recomenda-lhe o seguinte:

A. Deve Exercitar-se. "Exercita-te a ti mesmo..." I Tm 4.7. Como se relaxam os músculos e se atrofiam as forças físicas e mentais por falta de exercício, de igual modo, a força da vocação divina, quando exercitada se desenvolve e se torna poderosa. Também pode atrofiar-se e enfraquecer por falta de exercício. À semelhança do talento enterrado, se tornará improdutiva. Desgasta-se. Por isto Paulo incentiva a Timóteo: "Medita estas coisas e nelas sê diligente, para que o teu progresso a todos seja manifesto... porque fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes", I Tm 4.15,16. Nenhum evangelista poderia prescindir desta regra.

B. Evitar a Negligência. "Não te faças negligente para com o dom que há em ti", I Tm 4.14. O

trabalho de evangelista é indubitavelmente um trabalho pioneiro. O evangelista é, em linguagem popular, "um desbravador". Um homem negligente, comodista, nunca terá condição de fazer o trabalho de evangelista. Aquele em quem não "habita ricamente a palavra de Cristo", não terá força para proclamá-la fluente e poderosamente. O que negligencia a oração, não terá poder para orar pelos enfermos. O homem natural não pode fazer um trabalho espiritual. O seu trabalho não poderá ser realizado sem esforço; o esforço que resulta de amor profundo pelas almas. Este amor que é produzido pelo Espírito de Cristo, o anima a enfrentar o desconforto da solidão, a intolerância e mesmo perseguições.

Não é esta a mesma situação dos evangelistas que fazem o seu trabalho de evangelização em massa, com o apoio material, moral e espiritual das grandes Igrejas. O trabalho nestas condições poderá ser bem mais fácil. Uma autêntica mobilização de recursos e forças, poderá ser de grande proveito, desde que as propagandas, as publicidades não coloquem o pregador no lugar que pertence a Cristo. Quando isto acontece, os resultados são sempre inferiores às propagandas e uma campanha poderá produzir mais incredulidade do que fé... Com um auditório previamente preparado, a mensagem salvadora, ungida pelo Espírito Santo, poderá ter o efeito da boa semente lançada no terreno suficientemente adubado.

C. Reavivar o Dom. "Admoesto-te que reavives o dom de Deus que há em ti", I Tm 1.6. Para ter êxito permanente, o evangelista precisa ser reavivado constantemente. Para que obtenhamos vitórias freqüentes e contínuas, precisamos de constantes experiências com Deus, dessas experiências renovadoras. Só aquele que está reavivado pode pro-

duzir reavivamento. Eloqüência e ousadia naturais, diante de um grande auditório, podem empolgar, sem contudo deixar resultados positivos, reais e duradouros. O melhor pregador precisa ser renovado. O fato de haver obtido êxitos em determinados trabalhos, em certas ocasiões, não é garantia de tê-lo sempre, por certo, em qualquer circunstância.

Reavivar o dom de Deus, tem sentido de fazer acender o fogo que está em brasas, debaixo das cinzas. Certo doutrinador diz: "Use os dons e terás os dons".

A maneira mais eficiente para desenvolver os dons ministeriais é aproveitar todas as oportunidades para usá-los, encorajadamente, animado pela fé na proteção e ajuda de Deus. Não há dúvida de que o temor ou a inibição, frutos da pobreza espiritual, levam o homem a deixar debaixo das cinzas, o fogo dos dons espirituais. Por isto Paulo adverte a Timóteo: "Deus não nos há dado espírito de covardia, mas de poder, amor e moderação", II Tm 1.7. Sim, Deus nos tem dado o espírito de poder ou coragem e resolução; o espírito do amor de Deus, que nos coloca acima do temor do perigo; o espírito de moderação ou de quietude e serenidade, diante das ameaças.

O trabalho de evangelista exige coragem e estas virtudes o imunizam contra o medo. Tudo isto se encerra na exortação de Paulo - "Admoesto-te que reavives o dom de Deus", que correspondem às boas condições espirituais do evangelista e, de algum modo, de todos os crentes.

É certo que o poderoso dom de evangelista não é comum a todos os crentes, no entanto, a responsabilidade de pregar o Evangelho a toda a criatura, é comum a todos os salvos; a quantos amam a Deus e à Sua obra!

CAPÍTULO VI

PASTOR

De todos os ofícios do ministério cristão, o pastorado é o mais conhecido em nossos dias. Não raro, o título é dado até mesmo aos ministros em diferentes funções ministeriais. "A profissão é tão honrosa que o Antigo Testamento freqüentemente atribui a Deus o título de pastor de Israel", Jr 49.24; Sl 23.1.

O vocábulo originalmente aplicado a um guardador de ovelhas significa apascentador, guia, protetor, Is 40.11. Estas definições correspondem às várias fases das atribuições e deveres do pastor. Como no caso dos demais ministérios, encontramos em Jesus o grande exemplo de pastor.

1. JESUS, O PASTOR.

Jesus pode ser considerado o maior exemplo de verdadeiro pastor. Deus O constituiu o nosso Pastor. Neste ofício Ele se distingue por vários qualificativos da maior importância, os quais são:

A. O Bom Pastor. Jesus disse: "Eu Sou o Bom Pastor". O capítulo dez de João registra várias qualidades do Bom Pastor. Jesus como o Bom Pastor é o contraste do falso pastor, representado por três caracteres:

a) O ladrão que vem para matar, roubar e destruir; b) o mercenário que abandona o rebanho e foge; c) o lobo que arrebata e dispersa.

O Bom Pastor que dá a vida pelas ovelhas é o grande contraste com estes caracteres, que simbolizam aqueles que só buscam os seus próprios interesses. Que buscam alimentar-se e não alimentar ao rebanho. São as seguintes as qualidades do Bom Pastor:

a) **Dá a vida pelas ovelhas** - Nos tempos bíblicos era comum, o bom pastor expor a sua vida, na luta contra as feras que assaltavam o rebanho. Jesus para proteger as Suas ovelhas do "ladrão que vem para matar, roubar e destruir", deu a Sua vida

por nós, que "somos rebanho do seu pastoreio", Sl 100.3. Ele deu a Sua vida por nós, para que tenhamos vida e vida com abundância, vida eterna;

b) **Conhece as suas ovelhas** - "Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas", Jo 10.14. Julgamos quase impossível conhecermos as ovelhas do nosso rebanho, quando o seu número sobe a milhares. As ovelhas do rebanho do Bom Pastor são milhões. E como é maravilhoso, Ele as conhece pelos nomes. Conhece também "os lobos com pele de ovelhas". Conhece as que sofrem e conforta as fracas;

c) **Guia as suas ovelhas** - "Ele chama pelos seus nomes as suas próprias ovelhas e as conduz para fora... vai adiante delas e elas o seguem porque lhe conhecem a voz", Jo 10.3,4. O pastor à frente do rebanho era a garantia de ser conduzido aos bons pastos e de preservá-lo da emboscada das feras. Era um costume de tempos remotos. Era o motivo da expressão confiante de Davi, com a sua própria experiência de pastor: "O Senhor é o meu pastor, nada me faltará... refrigera-me a alma. Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome...", Sl 23. Não deve ser menor a nossa confiança em o nosso Bom Pastor.

B. Pastor e Bispo das Nossas Almas, I Pe 2.25. Significa o pastor que tem verdadeiro cuidado de nossas almas que as busca, alimenta e sustenta; que ama as Suas ovelhas e as protege "sem tosquenejar". Como bispo de nossas almas, Ele as supervisiona, dirigindo-as sábia e convenientemente. Guia-nos com segurança em toda a nossa peregrinação, neste mundo de perigos espirituais.

O cuidado que Cristo tem de nós como Pastor e Bispo de nossas almas pode ser expresso nestas palavras: "instruir-te-ei e ensinar-te-ei o caminho

que deves seguir; e sob as minhas vistas te darei conselhos", Sl 32.8.

C. Grande Pastor das Ovelhas, Hb 13.20. Qualquer pastor de ovelhas, em circunstâncias difíceis, poderá ver o seu rebanho emagrecer, enfraquecer ou morrer por falta de pastagem. O grande Pastor das ovelhas diz: "Se alguém entrar por mim será salvo; entrará e sairá e achará pastagem", Jo 10.9. Dele podemos dizer confiantes: "O Senhor é o meu pastor, nada me faltará".

O mais zeloso e mais corajoso pastor poderia ver uma ovelha perecer num assalto de uma alcatéia de lobos famintos. O grande pastor das ovelhas afirma em relação aos que O seguem. "Jamais perecerão, e ninguém as arrebatará de minha mão", Jo 10.28.

As limitações de um pastor de ovelhas, em alusão, tipificam as limitações dos pastores de almas em todos os tempos. O grande Pastor das ovelhas não está sujeito a nenhuma limitação. Suas possibilidades são infinitas. Seu cuidado é eterno!

D. O Supremo Pastor. "Ora, logo que o Supremo Pastor se manifestar, recebereis a imarcescível coroa de glória", I Pe 5.4. Supremo pastor ou Sumo pastor, significa um pastor superior a todos os demais pastores. Cristo é o Pastor dos pastores, pois esses são também parte do rebanho do Seu pastoreio. Isto significa que nenhum pastor é senhor absoluto do rebanho, "como dominador dos que lhe foram confiados" e também que nenhum fiel pastor está abandonado. O cuidado que Cristo tem dos crentes fiéis, tem também do pastor que lhe é subalterno, na proporção de sua grande tarefa.

A supremacia de Cristo como pastor está relacionada com o Seu aparecimento, quando será julgado o mérito do trabalho de todos os pastores subalternos. Aqueles que forem encontrados fiéis

no cumprimento dos seus deveres, receberão do Supremo Pastor, a "incorruptível coroa de glória".

Assim, pelo exposto vemos em Jesus o Pastor, um modelo que em parte jamais será atingido por qualquer pastor, mesmo da mais alta dignidade, pois Ele é o Bom Pastor, o Pastor e Bispo de nossas almas, o Grande Pastor e o Supremo Pastor. Só a Ele cabe estas distinções. A Ele a glória eternamente! Amém.

2. O DOM DE PASTOR.

Como dissemos antes, os títulos às vezes correspondem aos dons ministeriais e estes se revelam na prática e na função dignas da aprovação de Deus. Os dons espirituais devem determinar o ministério e este evidenciá-los pelo seu caráter eficiente e pelas qualidades virtuosas dos que os possuem.

O pastorado eficiente é um dom de Cristo. Não depende de curso especial, nem é produto de treinamento. Cristo o deu à Sua Igreja, Ef 4.11. Não pode ser substituído por nenhuma preparação intelectual. A instrução pode ser importante no exercício do ministério pastoral, mas não há dúvida, que este, para ser proveitoso, para ser uma verdadeira bênção para a Igreja, necessita ser um dom vindo do Alto.

Os dons ministeriais tanto habilitam e capacitam para o trabalho como impulsionam a realizá-lo zelosamente. Disto se conclui que o ministro, cujo trabalho é infrutífero, é assinalado por constantes fracassos, possui apenas o título e não o dom. O evangelista que não tem mensagem e não ganha almas recebeu um título inadequado. O pastor que com pouco tempo no pastorado de uma Igreja não pode mais ser tolerado pelos desacertos ou imprudências demonstra a ausência do importante dom do Espírito para este ministério.

Não é o título que atrai o dom ministerial, pelo contrário, o título deve corresponder ao dom ministerial em evidência. O dom ministerial de pastor se qualifica por diversas virtudes, exigidas para este ofício. É como disse alguém: "O trabalho do Senhor requer todas as boas qualidades que o homem possa ter". O homem consciente disto, o homem convicto da chamada de Deus, não aceitará o ministério, animado pelas honras que dele lhe advirão. Ao contrário, deverá sentir o peso da responsabilidade ao ponto de exclamar como Moisés: "Quem sou eu?..." Ou como Isaías: "Ai de mim..."

O dom divino de pastor deve evidenciar-se também por um caráter disciplinado e uma personalidade normal, em virtude da complexidade de sua função, nas relações com pessoas de ambos os sexos, de diferentes idades e diferentes condições sociais, I Tm 5.1,2.

Se às vezes o pastor precisa ser inflexível em suas atitudes, outras tantas tem que ser condescendente, especialmente com os mais humildes, os tímidos ou que se consideram desprezíveis.

3. A DUPLA FUNÇÃO DO PASTOR.

O ofício pastoral mediante o dom consiste na divina habilitação do ministro para governar a Igreja; na maneira correta de dirigir as reuniões, sem aquele caráter de coisa rotineira ou decorada, invariável, de uma liturgia sem vida. Que não se prende ao formalismo e não se excede ao fanatismo. Que não aceita mistificações estéreis e não reprime a genuina operação do Espírito Santo, correspondente ao propósito divino de enriquecer a Sua Igreja de bênçãos abundantes, para prosperar em todos os sentidos, sem limitações humanas. Que sabe reconhecer e utilizar os valores existentes na Igreja e não pretende sujeitar tudo à sua

própria dependência. Que sabe orientar e instruir as decisões a serem tomadas pela assembléia, mas não despreza as opiniões construtivas e não desconhece a liberdade da consciência alheia. Que sabe ir ao máximo dos seus deveres e não excede ao limite dos seus direitos.

A chamada de Deus para o ofício pastoral e a habilitação pelo dom divino, consistirá, inegavelmente, em ação produtiva e capacidade para liderar a congregação. Não raro, há casos que deixam de ser levados ao juiz e são submetidos ao julgamento do pastor, em consonância com os preceitos bíblicos de I Co 6.1-6. Muito freqüentemente cabe ao pastor apontar a solução para problemas melindrosos, que envolvem muitas almas preciosas! Quão grande é a responsabilidade do pastor pelos efeitos de suas orientações e sanções. Só o dom divino pode habilitá-lo suficientemente. Foi bem isto que sentiu o jovem rei Salomão, quando orou: "Dá, pois, ao teu servo um coração compreensivo para julgar o teu povo, para que prudentemente discirna entre o bem e o mal; pois, quem poderia julgar a este grande povo?", I Rs 3.9.

As decisões temerárias, prepotentes, são aspectos negativos do dom pastoral. Seus resultados são discórdias, tristezas e a delimitação do conceito do próprio pastor.

Feliz é o pastor que nunca precisa aplicar disciplina a quem quer que seja, por motivos pessoais. Ser-lhe-á mais proveitoso perdoar as ofensas à sua pessoa, a exemplo do Grande Pastor, que "quando ultrajado não revidava com ultraje, quando maltratado não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente", I Pe 2.23.

Em João 21.15-17, no diálogo que Jesus manteve com Pedro, antes de sua restauração ao ofí-

cio pastoral, o Mestre usou dois termos, que sugerem dupla função do pastor, que são:

A. Apascentar. Nos versos 15 e 17 já citados, Jesus empregou o termo apascentar - "apascenta meus cordeiros... apascenta minhas ovelhas." O vocábulo significa "alimentar, dar de comer". A linguagem é figurada e traduz o dever de doutrinar, ministrar conhecimentos, dirigir no bom caminho;

B. Pastorear. No verso 16 Jesus usou o termo pastorear: "Pastoreia as minhas ovelhas". O sentido de pastorear vai além de apascentar, incluindo tudo o que significa o ofício de pastor, isto é, o dever de guiar o rebanho e, não somente alimentar, mas conduzir ao pasto, ou mesmo prover a pastagem para o rebanho. Nos tempos de seca, o pastor precisava encontrar erva e água para alimentar o rebanho. Era isto um tipo do pastor de almas, que, pela graça de Deus, deve sobrepor-se às diferentes crises que tenha que enfrentar, em condições de sempre prover o rebanho do vital alimento, pela orientação sadia, pela mensagem ungida, pela palavra vivificadora, "alimentando-o com a palavra da fé e da boa doutrina", I Tm 4.6.

Era também dever do pastor de ovelhas proteger o rebanho do mau tempo e dos animais ferozes, Am 3.12. Davi teve que enfrentar um leão e um urso, I Sm 17.34,35. Estes exemplos de cuidado e coragem tipificam a capacidade que deve possuir o pastor para proteger o rebanho sobre "o qual o Espírito Santo o constituiu", At 20.28.

Além disto, o ofício pastoral incluía a obrigação de buscar e recuperar a ovelha fraca e a doente ou desviada, Ez 34.8. Esta doutrina foi ratificada por Cristo em Lc 15.1-7. Para tudo isto é

necessário aquele amor que Jesus enfaticamente indagou haver em Pedro, Jo 21.15-17.

É claro que não cabia e nem cabe ao pastor conduzir aos ombros, todo o tempo, indefinidamente, as ovelhas fracas, como alguns supõem seja a obrigação do pastor, presumindo que a salvação de suas almas depende mais do cuidado pastoral do que de sua própria vontade de ir para o céu. A boa vontade e os cuidados pastorais têm por fim despertar os ânimos adormecidos e alentar as forças para a jornada, mas não eximem o crente de sua própria responsabilidade para com Deus e a Igreja.

4. AS QUALIDADES DO PASTOR.

"Fiel é a palavra: Se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja. É necessário, portanto, que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma só mulher, temperante, sóbrio, modesto, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, não violento, porém cordato, inimigo de contendas; não avarento; que governe bem a sua própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito (pois se alguém não sabe governar a sua própria casa, como cuidará da Igreja de Deus?)," I Tm 3.1-5.

Não há discordância quanto à aplicação deste texto ao pastor, como norma divina, para o seu ministério. Analisando-o, vamos encontrar três qualidades indispensáveis ao pastor, que são condições para um ministério eficiente e frutífero, na seguinte disposição: Um homem que se governa a si mesmo, um homem que governa a sua casa, um homem que governa a Igreja de Deus.

A. Um Homem Que se Governa a si Mesmo. Não há dúvida que o domínio próprio constitui a qualidade básica de um ministro de Deus. Paulo ao falar dos piores homens se refere aos "sem domínio de si", II Tm 3.1-5. Ao mencionar as características do bispo, entre outras coisas ensina

que convém "que tenha domínio de si", Tt 1.8. Paulo expõe o assunto em seus aspectos positivos e negativos:

a. **"Que seja irrepreensível"** - O homem repreensível não tem "autoridade para repreender e exortar pelo reto ensino, para convencer aos que contradizem", Tt 1.9. Além disto, a Bíblia recomenda aos crentes imitarem a fé de seus pastores. "Lembrai-vos dos vossos guias... imitai a fé que tiveram", Hb 13.7. Da observância deste preceito cristão depende este conceito lógico: "Tal pastor, tal rebanho";

b. **"Esposo de uma só mulher"** - O bígamo ou polígamo é um homem governado pelas mulheres, em contradição ao preceito de Pv 31.3. Nestes casos teria que governar "as suas casas";

c. **"Temperante"** - O que possui o precioso fruto do Espírito, a temperança, virtude que modera e controla os apetites, as paixões. Sem isto o homem não pode se governar a si mesmo;

d. **"Sóbrio"** - A sobriedade é virtude pela qual o homem se priva do luxo e dos excessos, que escravizam e dominam a muitos homens, tornando-os incompatíveis com o espírito do ministério cristão;

e. **"Modesto"** - O homem modesto em suas aspirações, nos seus atos, na estimação das suas próprias virtudes e habilidades; o homem despretencioso e sem vaidade, é um homem que se governa a si mesmo, contra as pretensões do próprio "EU";

f. **"Hospitaleiro"** - Não apenas que hospeda, mas o faz por amor. Para isto necessita não ser governado pelo conforto do ambiente puramente familiar. Isto às vezes envolve sacrifício;

g. **"Apto para ensinar"** - O que significa capacidade e prontidão para comunicar a outros os co-

nhecimentos recebidos de Deus, de conformidade com a Sua Palavra;

h. **"Que tenha bom testemunho dos de fora"** - O pastor não pode dizer: "Ninguém nada tem a ver com a minha vida". É melhor admitir que todos têm o direito de observar o seu viver e ele deve a todos uma boa reputação. O mau testemunho o atirará ao opróbrio, à desmoralização, fazendo-o cair no laço do diabo mediante o enfraquecimento moral ou mesmo o desespero;

i. **"Não dado ao vinho"** - Como lerão este texto os bispos que se embriagam?...

j. **"Não violento, porém cordato"** - O homem violento é governado pelos ímpetos e pelo espírito de discórdia e agressão, portanto, destituído de qualidades para o ministério pastoral;

k. **"Inimigo de contendas"** - Que foge de discussões e animosidades, mas trata todas as coisas com serenidade, prudência e amor. "O que ama a contenda, ama o pecado", Pv 17.19.

l. **"Não avarento"** - O avarento é governado pelo dinheiro e pelo amor ao lucro. A avareza é um grande mal para todos os homens, mas é pior ainda em um ministro de Deus. Além disto está incluída entre os pecados, que os que os cometem "não herdarão o reino de Deus", I Co 6.10.

m. **"Não seja neófito"** - Ao neófito pode "suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo". O homem soberbo é governado por um trio maldito. Orgulho, arrogância, presunção. A soberba é muito própria do homem ignorante espiritual, inexperiente. Quanto mais conhecermos a Deus, tanto mais humildes seremos. A soberba do homem é sempre do tamanho da sua ignorância espiritual. Um sábio cristão observa que "a soberba é o pecado que transformou anjos em demônios".

O homem que se governa a si mesmo, não pode se ensoberbecer.

Estas são as características do homem que se governa a si mesmo. Estas devem ser as qualidades básicas de um pastor de almas, que deve servir de modelo para o rebanho, Hb 13.7.

B. "Um Homem Que Governa Bem a Sua Casa", I Tm 3.4. É grande a felicidade do pastor cuja família pode servir de exemplo para todas as outras famílias da Igreja. A ele assiste o direito de governar a esposa e os filhos.

O pastor deve ser cordato com a esposa, mas não pode ser governado por ela. A esposa do pastor tem um vasto campo para ajudá-lo. Pode ser muito útil ao marido em seu ministério, aconselhando especialmente as senhoras jovens e a mocidade, fazendo-o com simplicidade e amor. Para tudo isto deve se credenciar pelo exemplo de sabedoria e prudência, no falar e no agir.

Andrew W. Blackwood diz: "O privilégio maior e imediato da esposa do pastor é tornar o seu marido feliz, mediante a amabilidade e comportamento correto, no lar e na Igreja. O melhor lugar de fazer a sua luz brilhar é através das janelas de um lar feliz, agradável, atrativo, dirigido com sabedoria e amor. Deve ajudar a seu marido, evitando ao mesmo tempo querer ser chefe na Igreja. Ela pode ser um poder por traz do trono, mas não deve aparecer no comando, com autoridade".

É certo, em grande proporção, o êxito do pastor depende do comportamento da família, inclusive da esposa.

A grande bênção da conversão da família, a grande vitória da integração dos filhos do pastor no plano divino da salvação e nas atividades da Igreja, dependem sobretudo de Deus, mas também de nós em grande parte. É bem justo que o amor que tem o

pastor pelas almas, se evidencie "no cuidado dos seus e especialmente dos de sua própria casa", I Tm 5.8. É certo também que o cuidado pastoral ou do pastor para com os filhos, não os isenta da responsabilidade pessoal pela salvação de suas almas. Há, no entanto, os meios pelos quais poderão ser conduzidos a esta responsabilidade e estes meios são aqui mencionados por Paulo: "Criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito".

a. **Disciplina** - Esta palavra inclui instrução, direção, governo, imposição de autoridade e métodos correcionais. Como se vê, significa muito mais que mero castigo.

Paulo, um homem sábio, certamente tinha em vista tudo isto ao empregar a palavra disciplina, como obrigação do pastor, no governo de sua casa e na criação dos filhos. É o mesmo que em Ef 6.4 recomenda aos pais, com relação aos filhos: "Criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor". A ausência da disciplina, em qualquer dos seus aspectos, pode resultar no desgoverno moral e espiritual dos filhos e conseqüentes problemas no ministério do pastor.

A Bíblia ensina três métodos a serem empregados na criação dos filhos para Deus. Destes, dois são desconhecidos e desprezados e um é condenado pela sociologia moderna. São eles:

b. **Leitura da Palavra de Deus** - "Ensina a criança no caminho em que deve andar e ainda quando for velho não se desviará dele", Pv 22.6. "Estas palavras que hoje te ordeno, estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho e ao deitar-te e ao levantar-te...", Dt 6.6-9. Aqui fala de ensino persistente e leitura regular da Palavra de Deus aos filhos. A falta disto poderá resultar em insucesso, na casa do pastor. V. II Tm 3.14-16.

c. **Oração** - "Chamava Jó a seus filhos e os santificava; levantava-se de madrugada e oferecia holocaustos, segundo o número de todos... assim fazia Jó constantemente", Jó 1.5. "Jó chamava os seus filhos". Orar com os filhos é mais importante do que orar por eles. Certo jovem pervertido, que fora condenado à morte, momentos antes de ser executado, exclamou: "Meus pais são cristãos, certamente muitas vezes oraram por mim, mas nunca oraram comigo!"

A fé não é hereditária e os filhos precisam recebê-la pelos mesmos meios que os estranhos e os adultos a recebem, mediante a pregação da Palavra de Deus e a oração intercessória. Leio como sendo uma advertência de Deus para mim, pessoalmente, estas palavras: "Levanta-te, clama de noite, no princípio das vigílias; derrama teu coração como água perante o Senhor; levanta a Ele as tuas mãos, pela vida de teus filhinhos", Lm 2.19. "Muito pode por sua eficácia, a súplica do justo", Tg 5.16.

d. **Correção** - Leitura da Palavra de Deus e oração são métodos desconhecidos e desprezados pelos mestres em educação familiar. A disciplina, em forma de castigo é condenada. Entretanto, faz parte dos métodos ensinados por Deus. Os séculos não envelhecem e não invalidam os preceitos de Deus. Qual será o sentido destas palavras? "O que retém a vara aborrece o seu filho, mas o que o ama, cedo o disciplina... A estultice está ligada ao coração da criança, mas a vara da disciplina a afastará dela... Não retires da criança a disciplina, pois se a fustigares com a vara, não morrerá. Tu a fustigarás com a vara e livrarás a sua alma do inferno... A vara e a disciplina dão sabedoria, mas a criança entregue a si mesma, vem a envergonhar a sua mãe", Pv 13.24; 22.15; 23.13,14; 29.15. Já estarão superados estes preceitos bí-

blicos? Se, ao contrário, ainda vigoram como Palavra de Deus, não deixarão de ter sua utilidade na criação dos filhos, quando aplicados com sabedoria e amor. A disciplina deste tipo poderá ser aplicada depois de muitos outros meios correcionais, também ensinados por Deus em Sua Palavra.

e. Exemplos - O respeito, de várias maneiras, constitui uma grande dívida dos pais para com os filhos, para também se tornarem credores do respeito destes. Confúcio ensinava: "Respeita-te e outros te respeitarão". Um outro pensador diz: "Quando os que ordenam perdem a moral, os que obedecem perdem o respeito". A integridade do pastor, no trato, nas relações com as diferentes pessoas, na presença e na ausência, nas conversações, na presença dos filhos, há de ter muita influência sobre a vida espiritual dos filhos.

O pastor é um homem que tem freqüentes oportunidades de saber dos fracassos alheios. Se ao contrário do dever da absoluta confidência, neste sentido, são relatados ou comentados perante os filhos, isto os levará ao maior pessimismo a respeito da vida espiritual, chegando mesmo a pensar que não há diferença entre os crentes e os homens mais errados.

Indubitavelmente, as relações entre o papai e a mamãe muito influirão nas atitudes espirituais dos filhos, edificando-os ou destruindo-os! É de suprema importância para a criação dos filhos "na disciplina e admoestação do Senhor", o ambiente de cordialidade e respeito, entre marido e mulher e entre os pais e filhos.

O lar deve ser o ambiente onde os filhos se sentem presos pelo amor, seguros pela confiança e dominados pelo respeito aos seus pais.

Por outro lado, nada deve se interpor nas relações do pastor para com a Igreja. Se os filhos

não forem motivo de inspiração ao pastor, também este não deve ser influenciado pelas suas atitudes carnais e modos desordenados, em detrimento dos direitos dos membros zelosos e da boa ordem na Igreja.

C. Um Homem Que Governa a Igreja de Deus - Só o homem que se governa a si mesmo e governa bem a sua casa terá suficiente autoridade para governar a Igreja de Deus, I Tm 3.5. Isto convém ao bispo (pastor).

Entre os dons ministeriais, Paulo menciona "governos" ou habilitação de Deus para dirigir apropriadamente a Sua Igreja, I Co 12.28. Esta habilidade para governar, inclui:

1º - Capacidade para distribuição de serviço aos membros da Igreja. Santo Agostinho diz: "A cabeça dos desocupados é a morada de Satanás e o demônio procura as mãos ociosas para fazer a sua maligna obra".

2º - Capacidade para administração financeira. A habilidade do pastor para cuidar dos negócios da Igreja de modo proveitoso e honradamente inspira confiança nos membros para contribuir. Desperta interesse de todos os fiéis.

Governo é um dom que não deve ser subestimado, pois dele depende a boa ordem, a estabilidade e o progresso da Igreja em todos os sentidos. Não é temeridade atribuir-se as freqüentes crises de algumas Igrejas, à falta de governo, pela ausência da divina capacidade de administração daqueles que estão à frente do rebanho. Esta capacidade deve constituir mais um motivo para ardentes súplicas ao PAI DAS LUZES, pois é uma necessidade imperiosa no ministério do pastor, com a responsabilidade de "governar a Igreja de Deus".

Neste sentido o apóstolo Pedro ensina: "Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não

constrangidos, mas espontaneamente, como Deus quer; não por sórdida ganância, mas de boa vontade, nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes tornando-vos modelo do rebanho", I Pe 5.2,3. Aqui temos três regras de grande importância:

1º - "Não por constrangido, mas espontaneamente". Qualquer trabalho material feito por constrangido será assinalado pelas falhas. Isto se aplica melhor ao trabalho espiritual. Não terá êxito o pastor que fizer o seu trabalho como cumprindo uma simples obrigação que lhe é imposta. Alguém as vezes tem dito: "Se não leva o coração, não vá também". Se o pastor está em uma Igreja, mas o coração está em outra, não haverá resultado do seu trabalho para o reino de Deus... Quaisquer que sejam as circunstâncias, convém ser "sempre mais abundante na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o seu trabalho não é vão", se feito "espontaneamente, como Deus quer".

2º - "Nem por sórdida ganância, mas de boa vontade". O trabalho espiritual feito por ganância, agrada muito bem ao "deus ventre" e pode ser feito sem qualquer dom da parte de Deus. Para tanto, as oportunidades independem da chamada e direção de Deus, podendo ser conseguidas por simples política ou por sagacidade. Como, entretanto, o fim a que chegamos, depende do caminho que seguimos, os resultados serão sempre confusão, descontentamento e derrotas, que são o prêmio de um ministério sem a aprovação de Deus. Será um ministério sem vida, pois a ganância é qual germe que destrói totalmente a vida espiritual. "Tal é a sorte do ganancioso; e este espírito de ganância tira a vida de quem a possui", Pv 1.19.

3º - "Nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes tornando-vos modelo do rebanho".

Este ensino concorda com a conhecida filosofia de que, "pode mais a força do exemplo do que o exemplo da força".

Os que pretendem dominar a Igreja como sendo sua propriedade, deverão estar a exercer uma profissão e não o pastorado provindo de Deus.

A função do pastor é guiar, servindo de modelo para o rebanho, sabendo que toda a autoridade edificante provém da Palavra de Deus, que o pastor ensina e pratica. É isto que Paulo ensina ao dizer: "É indispensável que o bispo seja irrepreensível como despenseiro de Deus, não arrogante, não irascível... apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina, de modo que tenha poder, assim para exortar pelo reto ensino, como para convencer os que contradizem", Tt 1.7-9.

Quando o pastor profere a Palavra de Deus, autorizado pelo Espírito Santo, cabe a Deus a responsabilidade pelos efeitos da Palavra. Elias, ao repreender o soberbo rei Acabe, disse: "Tão certo como vive o Senhor, Deus de Israel, perante cuja face estou, nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra", I Pe 17.1.

As palavras arrogantes, irrefletidas, simplesmente ocasionam desgovernos, mas a Palavra de Deus prevalece e, "quem é de Deus ouve a Palavra de Deus", Jo 8.47.

O pastor que observa estas normas divinas, nunca lutará só; terá sempre a mão divina a ajudá-lo na solução de todos os problemas na Igreja. Terá paz e estará tranqüilo, na esperança de "logo que o Supremo Pastor se manifestar, receberá a imarcescível coroa de glória", I Pe 5.2-4.

CAPÍTULO VII

MESTRE

A falta do artigo no texto de Ef 4.11, em diferentes traduções do Novo Testamento, nos dá a idéia de que devem estar juntos em um mesmo ministro os dons de pastor e mestre, e isto será de muita importância e não duvidamos de que seja mesmo a vontade de Deus que o pastor tenha, de fato, um coração de pastor e dom de ensinar com segurança as verdades divinas, numa autêntica revelação das profundezas de Deus. Entretanto, são dois dons distintos, com suas características definidas à luz do Novo Testamento.

Que este dom ministerial ocupa lugar específico e muito importante no Novo Testamento é provado pelo fato de ser ele mencionado em todas as três listas de ministérios, apresentadas respectivamente em Rm 12.6-8; I Co 12.28; Ef 4.11.

Um mestre realmente dado por Cristo e ungido pelo Espírito Santo pode ser de inestimável bênção para a Igreja, como fator contribuinte para "o aperfeiçoamento dos santos para a obra do ministério e a edificação do corpo de Cristo".

1. JESUS, O MESTRE.

Atualmente, à semelhança de Nicodemos, milhares de pessoas se atrevem a afirmar, em relação ao Senhor Jesus: "Sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus", Jo 3.2. Nicodemos chamou Jesus "Rabi", que significa um grande homem em matéria de ensino. Ele o é, de fato.

Do modo por que Jesus tornou-Se o grande modelo dos ministérios de apóstolo, profeta, evangelista e pastor, o é também como Mestre. Ele é o Mestre Supremo, sem igual, que Se identificou pela exposição sapientíssima da doutrina de Deus. "Se alguém quiser fazer a vontade dele (de Deus), conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo de mim mesmo", Jo 7.17.

Os conhecimentos que O tornaram verdadeiramente grande e maravilhoso, foram recebidos diretamente de Deus. Não os recebeu de homem ou por homem algum. Por isto podia afirmar: "A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou". Disto tinha tal convicção, que a submetia ao juízo dos Seus ouvintes.

Como sabemos, os dons de Deus se evidenciam por uma habilidade sobrenatural, superior aos melhores métodos da melhor didática, e nem se poderia supor a presença de um dom de Deus, em nível inferior às artes humanas. Assim, portanto, o dom de mestre se revela através da divina capacidade para transmitir conhecimentos espirituais, o que foi exemplificado da melhor maneira por Jesus, como se segue:

A. Era Simples no Estilo e Linguagem. De ninguém jamais se ouviram ensinos tão profundos quanto aos de Jesus. Tendo sido o maior de todos os mestres, os Seus ensinos foram os mais simples, portanto, ao alcance de todas as classes ouvintes. As verdades mais profundas e mais sérias eram expostas com um verdadeiro caráter de pura revelação dos mistérios de Deus ao povo.

Ao iniciar o Seu ministério nas regiões de Zebulom e Naftali, ao ensinar nas sinagogas, cumpriu-se a profecia: "O povo que jazia em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região e sombra de morte, resplandeceu-lhes a luz", Mt 4.16.

Em frases curtas, expunha as verdades mais profundas a respeito do futuro e da eternidade, do céu e do inferno. As Suas palavras em forma de paradoxo, produziam nos ouvintes impacto capaz de despertar as consciências adormecidas, conduzindo-os à realidade dos deveres para com Deus. Ilustrando os Seus ensinos com parábolas e fatos comuns, os imprimia à mente e à consciência dos

ouvintes, levando-os a confessar: "Jamais alguém falou como este homem", Jo 7.46.

B. Seus Ensinos Universais. Cada país tem a sua própria legislação e costumes e por isto há diferentes métodos de ensino, para as diferentes regiões. Os ensinos de Jesus, entretanto, eram universais. Serviam tanto para a Palestina como para todo o mundo. Tanto para os judeus como para todos os povos, em todos os lugares. Tanto para os Seus dias como para todas as épocas.

Muito longe de serem filosofias complicadas, os Seus ensinos apontavam a solução para os problemas de todas as classes, vindo a encontro das necessidades de todos os homens, na vida diária.

A clareza de pensamentos e as ilustrações práticas que assinalavam os ensinos de Jesus, os tornaram adaptáveis às crianças e velhos, a pescadores e mestres da lei, no Seu tempo e em nossos dias.

C. Ensinava com Autoridade. Ao término do maravilhoso sermão do monte, Mateus registra o seguinte: "Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas de Sua doutrina; porque Ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas", Mt 7.28,29.

As palavras dos escribas eram simples produto do que tinham na mente. Eram destituídas de vida e poder. Tinham efeito semelhante à palavra do professor para o aluno. As palavras de Jesus tinham força de um decreto, da autoridade competente. Suas lições eram leis; Suas palavras eram mandamentos divinos.

A doutrina de Jesus era transmitida, no poder do Espírito, ao espírito dos Seus ouvintes, qual resplendor de luz a dissipar-lhes as trevas e a desfazer-lhes as dúvidas, implantando neles pro-

funda convicção da verdade. Ele mesmo disse: "As palavras que vos tenho dito são espírito e vida", Jo 6.63.

Quando no caminho de Emaús, falava com os discípulos, eles, mesmo não O reconhecendo, tão atraídos ficaram pelas Suas palavras, que Lhe rogaram: "Fica conosco". Três felizes incidentes decorreram desse encontro e dessa palestra, que são efeitos característicos do ensino do verdadeiro mestre. Foram eles:

a) **"Se lhes abriram os olhos** e o reconheceram", Lc 24.31. Já no passado, milhares de anos, o salmista de Israel dizia: "A revelação das tuas palavras esclarece, e dá entendimento aos simples", Sl 119.130. É vazia a mensagem que não traz ao ouvinte o conhecimento de Jesus. Era isto que Pedro desejava para os ouvintes: "... Crescei na graça e no conhecimento de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo", II Pe 3.18.

b) "Porventura não **nos ardia o coração**, quando ele pelo caminho nos falava, quando nos expunha as Escrituras?" Lc 24.32. Certa ocasião ouvia a um ancião, que já está com Cristo, pregando a Palavra de Deus, e observando a vibração de sua mensagem, perguntei a um outro ancião que o conhecera na mocidade: "Certamente este servo de Deus, quando mais forte, tinha uma mensagem muito poderosa". A resposta foi: "Era fogo de derreter platina". Era certamente este tipo de mensagem que fazia "arder o coração" dos discípulos, no caminho de Emaús. A mensagem do mestre dado por Cristo, não alcança apenas o ouvido, vai ao coração!

c) "Então **lhes abriu o entendimento** para compreenderem as Escrituras", Lc 24.45. Para muitos a Escritura é um livro misterioso e a exposição dos falsos mestres simplesmente gera confusão e até mesmo conduz à maior incredulidade. Se

o mestre é de fato portador do dom divino para ensinar, os resultados de sua mensagem são os mesmos da mensagem de Cristo, aos viajantes a Emaús.

A autoridade dos ensinos de Jesus era reforçada pelo fato de serem os Seus ensinos exemplificados em Sua própria vida. Ele ensinou o que viveu e viveu o que ensinou. Os Seus ouvintes podiam entender melhor o poder da fé, pelo Seu exemplo do que mesmo pelo Seu ensino, pois a Sua vida e os Seus feitos demonstravam visivelmente a Sua confiança em Deus, para triunfar em todas as circunstâncias adversas. Ensinou o valor da oração e Ele mesmo ia para o monte, onde passava a noite orando, Lc 16.12. Ensinou o dever de perdoar e Ele mesmo perdoou solenemente, durante a Sua vida, até à morte, Lc 23.34.

Foram estes os fatores da autoridade de Sua doutrina. Lucas ao relatar a Teófilo o ministério do Mestre, coloca em primeiro lugar a ação e depois a palavra, ressaltando que "Jesus fez e ensinou", At 1.1.

2. O DOM DE MESTRE - FINALIDADE.

Mestre é o ministro que recebe de Deus o dom de ensinar. A exposição clara e fundamentada da doutrina de Cristo, constitui a mais autêntica prova da veracidade do Evangelho e o mais eficiente meio para edificação dos fiéis. Para isto, aqueles que possuem este importante dom de ensinar devem dedicar-se em fazê-lo com diligência, não esquecendo que os dons espirituais, não obstante a sua procedência divina, dependem também do cuidado e do zelo de quem os recebe. Paulo ensina: "Portanto, se desejais dons espirituais, procurai progredir para edificação da Igreja", I Co 14.12. "Não te faças negligente para com o dom que há em ti", I Tm 4.14. "Admoesto-te que reavives o dom de

Deus que há em ti", II Tm 1.6. Destas passagens deduzimos logicamente que somos em grande maneira responsáveis pela manutenção e desenvolvimento dos dons de Deus e, não há dúvida, o dom de mestre deve figurar entre os que mais cuidados merecem de nossa parte, pois é mui grande a responsabilidade de quem ensina em nome de Deus, ou ensina aos homens a doutrina divina.

Nas referências de Paulo a Apolo e outros mestres em Corinto, ensinar significa regar o que outro plantou, ou seja ajudar para o crescimento. Significa também edificar sobre o fundamento insubstituível da pessoa de Cristo, e para tanto adverte: "... Cada um veja como edifica", levando em conta o fundamento e os materiais a serem empregados, os quais deverão ser testados pelo fogo do julgamento divino, no dia do Senhor, I Co 3.10-15.

Paulo considera tão importante este ministério, que recomenda a Timóteo transmiti-lo "a homens fiéis e também idôneos para ensinar a outros", II Tm 2.2. Eça de Queiroz diz: "Para ensinar há uma exigência e uma formalidade a cumprir: Saber". É de grande importância ao mestre conhecimentos profundos da Sagrada Escritura e também a condição intelectual para analisá-la, a fim de estar seguro quanto ao manejo correto da doutrina, sem incorrer em contradição, levando em conta o princípio de que uma doutrina não pode ser classificada como ortodoxa ou divina se não inclui ou encerra tudo o que dela a Bíblia diz a respeito. Por outro lado, o Espírito Santo, através do dom de mestre, traz à luz as mais preciosas e profundas verdades divinas; todas, entretanto, são reveladas ou retiradas do tesouro insondável das Sagradas Escrituras. Foi bem isto que Jesus ensinou ao dizer: "O Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos

fará lembrar de tudo o que vos tenho dito", Jo 14.26. O Espírito Santo, entretanto, não é responsável pelas omissões que deixam vaga a doutrina, sem o indispensável caráter de coisa provável e nem pelas afirmações contraditórias, frutos da ignorância das Escrituras. O verdadeiro mestre não apenas diz o que sabe, mas também deve saber o que diz.

A mais solene denúncia neste sentido foi proferida por Jesus: "Errais não conhecendo as Escrituras...", Mt 22.29. Isto posto, a exposição da doutrina não deve ser considerada tarefa semelhante a um simples testemunho, com base exclusiva em alguma experiência animadora. Nem mesmo a poderosa inspiração divina, isenta o mestre do dever de examinar cuidadosamente as Escrituras. Se os bereanos "foram nobres em receber a palavra com avidez, examinando as Escrituras todos os dias, para ver se estas coisas eram de fato assim", não podia ser menor a nobreza dos apóstolos em colocar a veracidade e ortodoxia da sua mensagem acima das dúvidas e investigações daqueles, At 17.11.

Paulo ao referir-se a ministros com o dom de mestre, diz: "Importa que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus", I Co 4.1. Note bem esta expressão: "Despenseiros dos mistérios de Deus". Mistérios não são coisas fáceis; não são coisas simples. São coisas profundas que exigem discernimento profundo para serem entendidas. A exposição dos mistérios de Deus não está na dependência da habilidade natural do homem e, sim, do dom sobrenatural do Espírito "porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus", I Co 2.10.

As muitas referências ao mestre revelam a im-

portância deste dom, nos propósitos de Deus, a respeito de Sua Igreja.

Já observamos que no texto grego de Ef 4.11, Paulo agrupa "pastores e mestres", implicando que na Igreja Primitiva esses dois ofícios estavam reunidos em um só homem. Paulo afirma que foi "designado pregador, apóstolo e mestre", I Tm 2.7; II Tm 1.11.

Passaremos a observar a importância do trabalho do mestre através do ensino:

A. Prevenir Contra a Tentação e o Pecado. À Igreja em Filadélfia foi dito: "Como guardaste a palavra da minha paciência, também eu te guardarei da hora da tentação, que há de vir sobre todo o mundo, para tentar aos que habitam na terra", Ap 3.10. Paulo insistindo em repetidas recomendações aos filipenses, diz: "A mim não me desgosta, e é segurança para vós outros, que eu escreva as mesmas coisas", Fp 3.1.

A doutrina não é apenas remédio curativo, é antes preventivo. Na Igreja em que a doutrina é ministrada com segurança, há também os crentes sempre firmes e fiéis e são sempre aqueles que não perdem oportunidades para receber instrução. A Palavra de Deus, tanto esclarece a mente para discernir entre o bem e o mal, como também consolida o caráter cristão, tornando inabalável o propósito de obediência a Deus. Desde tempos remotos é a Palavra de Deus a força preservadora contra o pecado. "De que maneira poderá o jovem guardar puro o seu caminho? Observando-o segundo a tua palavra"... "Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti", Sl 119.9,11.

Parece-nos que a falta de mestres e conseqüentemente da doutrina fundamentada nas Sagradas Escrituras é a causa da instabilidade de algumas Igrejas.

Não mereceriam o conceito de doutrina as mensagens de excitação emocional, em que o pregador se compraz com a vibração do auditório, mesmo quando a sua pregação não pode ser entendida, pois tais mensagens não produzirão o resultado desejado. O ensino deve ser entendido em sua razão de ser. Por isto deve ser absorvido pelas faculdades racionais dos ouvintes. Para tanto deve ser exposta em ordem e ouvida atenciosamente. As ovelhas mal alimentadas podem seguir a qualquer mercenário, Jo 10.1-13.

B. Corrigir Atitudes e Costumes Errados. "Portanto, despojando-vos de toda impureza e acúmulo de maldade, acolhei com mansidão a palavra em vós implantada, a qual é poderosa para salvar as vossas almas", Tg 1.21.

"O sangue de Jesus Cristo nos purifica de todo pecado", mas a Palavra de Deus nos purifica das impurezas do caráter, corrigindo os nossos costumes, as nossas atitudes. É isto que Paulo também ensina, ao afirmar que "Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra", Ef 5.25,26.

A Palavra de Deus ensinada com a habilidade concedida pelo Espírito Santo, fertiliza e vivifica a vida espiritual do rebanho, despertando os ânimos sinceros, imprimindo aos corações, concomitantemente, ódio ao pecado e o desejo de santidade.

A palavra ministrada pelo mestre que vive e trabalha na dependência do Espírito Santo é poderosa para iluminar o raciocínio, para tocar às faculdades lógicas, para despertar a consciência adormecida, enfim, para transportar a alma às realidades da vida na santa vontade de Deus, pois a palavra nos torna sábios para a salvação", II Tm 3.15.

Não poucas vezes temos visto pessoas sinceras manifestarem o seu repúdio aos seus próprios costumes, dos quais se libertaram, ao ouvirem uma mensagem doutrinária, reprovando atitudes das quais o pregador nada sabia.

Os cristãos primitivos, cujas vidas se impunham ao conceito e admiração do povo, pela pureza dos seus costumes, "perseveravam na doutrina dos apóstolos", At 2.42.

C. Produzir Convicções Fortes. Com este objetivo, Paulo orava pelos colossenses "para que os seus corações fossem confortados, vinculados juntamente em amor e tivessem toda riqueza da forte convicção do entendimento, para compreenderem plenamente o mistério de Deus", Cl 2.2. Esta foi sempre e continua sendo a grande necessidade da Igreja e dos cristãos em particular. Crentes sem convicção são como árvores sem raízes; são como ramos ao sabor do vento. Igreja sem mestre da parte de Deus, a ministrar a doutrina cristã, são edifícios sem alicerces. Eis porque Deus tem provido a Sua Igreja deste importante ministério, "com vistas ao aperfeiçoamento dos santos, para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo", Ef 4.12.

É a convicção da verdade divina que produz a firmeza na fé e as decisões inabaláveis e corretas. A falta de convicção gera a incerteza da vida futura e abre caminho para toda sorte de fracassos morais e espirituais.

É a convicção da verdade do Evangelho, que torna o cristão inabalável em sua esperança, nas bênçãos do Evangelho, e esta esperança, qual "âncora segura e firme da alma", resulta em vigor, resolução, constância e perseverança. Certamente por isto, Paulo exorta a Timóteo: "Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não; corrige, repreende, exor-

ta com longanimidade e doutrina. Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres, segundo as suas próprias cobiças..." II Tm 4.2,3.

A mensagem dos falsos mestres só agrada aos cobiçosos, por isto mesmo são bastante apreciados, em seu meio ambiente...

Para que o ensinamento produza fortes convicções, é imperiosamente necessário que o mestre seja inabalavelmente convicto da verdade divina, por ele exposta, de que Jesus Cristo é o único e suficiente Salvador, que a Bíblia é realmente a Palavra de Deus; que Deus é realmente Criador de todas as coisas e o Autor da vida, em contraposição à falsa ciência, que atribui a existência de tudo e todas as coisas a um sistema de evolução, já secular, que jamais foi provado cientificamente; que nunca saiu das bases hipotéticas. Doutrinas que, como disse um renomado cientista, "têm muito mais de ilógicas do que de biológicas". Entretanto, convém-nos admitir, que a onda de materialismo que tenta abalar ou modificar a estrutura da civilização mundial, especialmente nas relações do homem para com Deus, o Criador, não poderá ser detida, senão pelo poder sobrenatural do próprio Deus, através de Sua Palavra.

Todas as forças materialistas cederão diante da mensagem poderosamente ungida pelo Espírito de Deus. Tal como aconteceu em Éfeso, no ministério de Paulo, a Palavra do Senhor prevalecerá poderosamente, se o ensino apresenta Jesus Cristo como o tema central do Evangelho. Como o único que morreu para salvar os pecadores e que confirma a Sua Palavra com sinais e maravilhas, At 19.20; Mc 16.16-20.

Só o poder sobrenatural da Palavra de Deus pode constranger à humanidade a aperceber-se da reali-

dade dos efeitos mortíferos do pecado e do inevitável juízo de Deus sobre o mundo, por causa do pecado que domina homens e mulheres, velhos e moços, transportando-os do poder de Satanás para Deus, do pecado para a salvação em Cristo, pela forte e irresistível convicção da verdade exposta com habilidade divina, pelo dom de ensinar.

D. Preparar para o Serviço Cristão. O mestre, regra geral, se gloria de que a sua obra fala. Técnicos e profissionais são tidos como obra dos mestres.

Felizes são os crentes que têm oportunidade de privar com um mestre da parte de Deus. Os resultados são incomparavelmente superiores aos que podem proporcionar os educandários, até os de nível superior. A resposta a esta tese pode ser encontrada nos insucessos de muitas Igrejas, que desconhecem ou desprezam os dons espirituais. Seus educandários produzem poucos obreiros e esses pouco produzem para o reino de Deus. Se o seu preparo intelectual fosse subordinado às diretrizes e à dinâmica dos dons sobrenaturais do Espírito Santo, seria o associar das habilidades humanas às divinas, para um trabalho duplamente proveitoso. Infelizmente, muitos em contrário ao preceito bíblico, "se estribam no próprio entendimento" e não confiam no Senhor, no Pai das luzes, de Quem provém "todo dom perfeito", Pv 3.5,6; Tg 1.17.

O Espírito de Deus, que distribui os dons como Lhe apraz, sabe usar no tempo oportuno e na maneira apropriada, o portador do dom de ensinar, com a mensagem correspondente, com a necessidade da Obra de Deus, constituindo chamada e despertando vocações. O mestre usado por Deus pode transportar os seus ouvintes às realidades dos inte-

resses do Reino de Deus e da própria alma, mediante irresistível convicção do dever pessoal para com Deus e Seu trabalho aqui na terra.

A Palavra de Deus, apresentada na sabedoria do Espírito Santo, promove o preparo para o Seu serviço, pois "é útil para o ensino... a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra", II Tm 3.16,17.

CAPÍTULO VIII

O SUSTENTO DO PASTOR

Por ser o ofício pastoral o mais conhecido em nossos dias, subordinamos este capítulo ao tema acima, embora o sustento seja devido ao obreiro do Senhor em qualquer função ministerial.

1. O DIREITO DO SUSTENTO.

O sustento do pastor é uma necessidade tão imperiosa quanto a de qualquer ser vivente e a isto ele tem direito tanto quanto o têm todos os filhos de Deus. Argumentar em contrário, seria maldosa incoerência.

O problema se constitui de diferentes ângulos. O assunto, entretanto, é lógico e há respostas bíblicas para todas as questões.

O sustento para os ministros de Deus é determinado como direito assegurado pelo próprio Deus.

A. No Velho Testamento. Lemos: "O Senhor dá sustento aos que O temem..." e "dá alimento a toda carne", Sl 111.5; 136.25.

Ninguém, com bom senso, pensaria em excluir deste direito comum "aos que O temem e a toda carne", os que se ocupam inteiramente no trabalho do Senhor.

O ministério sagrado, no Velho Testamento, estava a cargo dos sacerdotes e levitas, e Deus determinou a maneira do sustento deles e de suas famílias. Entre outros textos, lemos o seguinte: "... a oferta será do sacerdote...", Lv 7.7. "Quer a oferta pela culpa, como a oferta pelo pecado é para o sacerdote: é coisa santíssima", Lv 14.13. "Toda oferta de todas as coisas santas dos filhos de Israel, que trouxeram ao sacerdote, será deste", Nm 5.9. "Porque os dízimos dos filhos de Israel, que apresentam ao Senhor, dei-os por herança aos levitas", Nm 18.24. "Guarda-te que não desampares o levita de todos os teus dias na terra", Dt 12.19.

B. No Novo Testamento. No Novo Testamento, encontramos textos como estes: "Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito recolhermos de vós bens materiais?" I Co 9.11. "Aquele que está sendo instruído na palavra, faça participante de todas as coisas boas, aquele que o instrui", Gl 6.6. Mais ainda a Palavra autorizada do divino Mestre: "Digno é o trabalhador do seu alimento", Mt 10.10.

Estes textos não constituem nenhuma contradição com aqueles em que Paulo fez declarações como estas: "Para o que me era necessário, estas mãos me serviram... Jamais comemos pão de graça, à custa de outrem; pelo contrário, em labor e fadiga, de noite e de dia, trabalhamos, a fim de não sermos pesados a nenhum de vós", II Ts 3.8.

Outros trechos bíblicos deixam bem claro que este procedimento do apóstolo foi uma medida de segurança, em face à urgente necessidade de corrigir atitudes exploradoras. No capítulo em que estudamos a função do diácono, apresentamos melhores detalhes deste assunto. Por enquanto, bastaria voltarmos as vistas para outros trechos bíblicos, a fim de inteirar-nos do sentido dos textos citados, e veremos que nisto o apóstolo se apresentava como exemplo aos falsos apóstolos e aos que não sendo ministros queriam viver às custas da comunidade. Ao afirmar que trabalhavam para não serem pesados a ninguém, acrescenta: "Não porque não tivéssemos DIREITO, mas por termos em vista oferecer-vos exemplo em nós mesmos, para nos imitardes", II Ts 3.9. Aqui declara incontestavelmente que não só ele, mas também os demais obreiros tinham direito ao sustento.

É o mesmo que afirma nestas palavras: "Quem jamais vai à guerra à sua própria custa? Quem planta a vinha e não come do seu fruto? Ou quem

apascenta o rebanho e não se alimenta do leite do rebanho?" II Co 9.7.

Duas coisas a mais devemos considerar:

a) A despeito de Paulo e outros trabalharem pela sua manutenção, nada significa, que houvessem dependido exclusivamente de seus próprios trabalhos materiais, pois lemos: "Despojei outras igrejas, recebendo salário, para vos servir... pois os irmãos, quando vieram da Macedônia, supriram o que me faltava", II Co 11.8,9. "Sabeis também vós, ó filipenses, que no início do evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma igreja se associou comigo, no tocante a dar e receber... mandastes não somente uma vez, mas duas, o bastante para as minhas necessidades", Fp 4.15,16. Nestes escritos, o apóstolo demonstra que não admitia como regra e nem ensinava como preceito a independência financeira do pastor ou o dever de prover o seu sustento, trabalhando, em detrimento do tempo que deve ser dedicado ao trabalho do Senhor, que sempre exige o melhor e o máximo que se possa fazer;

b) Não foi sem sacrifício que Paulo sujeitou-se às suas próprias determinações, pelas razões acima expostas. Em conseqüência disto, as experiências referidas nestas palavras: "Tanto sei estar humilhado, como também ser honrado; em todas as circunstâncias já tenho experiências, tanto de fartura como de fome..." Fp 4.12. "Em trabalhos e fadigas, em vigílias muitas vezes; em fome e sede, muitas vezes; em frio e nudez..." II Co 11.27.

A escassez que sofreu, chegou a ser tribulação. É o que se depreende de sua carta aos filipenses, em que agradece as ofertas recebidas: "Fizestes bem associando-vos na MINHA TRIBULAÇÃO", Fp 4.14. Talvez por isto mesmo, estas palavras:

"Até agora temos chegado a ser considerados lixo do mundo, escória de todos", I Co 4.13.

É louvável que o pastor, por amor a Deus e à Sua Obra, se sujeite a tais flagelos: trabalhos extras (pois o ministério já é uma grande tarefa), fadigas, humilhações, fome, sede, frio e nudez, mas não é justo que alguém lhe imponha tais condições ou exija isto dele. Isto limitará o seu tempo e reduzirá as suas possibilidades em atender melhor ao trabalho do Evangelho.

2. A FONTE DO SUSTENTO.

Conforme já estudamos, as ofertas e dízimos dos israelitas, constituíam a fonte do sustento dos sacerdotes e levitas. De igual modo, o que já citamos do Novo Testamento revela claramente que a fonte de sustento do pastor é a Igreja, através dos dízimos e ofertas, estabelecidos por Deus em todos os tempos bíblicos, como meio de provisão para os que ministram em Seu Nome.

Em alguns países, as igrejas são, por força de lei, equiparadas às empresas comuns, no que respeita aos deveres para com os seus ministros. No Brasil não existe obrigatoriedade legal, neste sentido, talvez em razão mesmo disto ainda não ter sido pleiteado, por sentimentos cristãos e pela reta compreensão da doutrina, de que "o justo vive da fé". Se, todavia, é louvável, é bíblica esta compreensão e esta atitude dos pastores para com a Igreja, não deve ser menos louvável e não deixa de ser claramente bíblico o seu dever quanto ao sustento do seu pastor, ou mesmo o cuidado assistencial em todos os sentidos. O pastor, não obstante desempenhar um ministério espiritual, é tão humano quanto aos demais homens e as suas necessidades são de igual modo idênticas. Não necessita somente do sustento, mas de todas as condições de vida. Paulo apresenta como condição mínima para "es-

tarmos contentes, ter sustento e com que nos vestirmos", I Tm 6.8. Além disto, honra a Igreja, manter condignamente o seu pastor, como seu representante perante os homens. Este é o sentimento de muitos cristãos, ao contrário de outros que julgam que o pastor deve ser, não apenas o mais humilde, e, sim, o mais humilhado...

Conhecemos um caso notório, publicado pela própria pessoa que o ouviu como reprovação, quando, com entusiasmo, testificava do Evangelho a um descrente: "Vocês não valem nada; se vocês fossem isto que estão dizendo, o pastor de vocês não moraria em uma casa imunda como aquela em que mora. O padre, o nosso pastor, não trabalha tanto quanto o pastor de vocês, mas mora em uma casa que nos honra como nosso representante".

A despeito disto, há igrejas que têm se notabilizado pelo zelo, pela bondade, provendo, não somente o sustento condigno do seu pastor, mas também o amparo de sua família.

Merece menção honrosa, o procedimento de algumas Igrejas, que têm surpreendido os seus pastores com a oferta de uma casa, para sua residência própria, o que de outro modo jamais conseguiriam, morrendo sob a preocupação de deixarem suas famílias ao desabrigo, o que infelizmente tem acontecido com muitos servos de Deus, que se esforçaram, que construíram para a Igreja, que dedicaram toda a vida aos melhores interesses de tantos!

Não é humano, não é racional, não é lógico, não é lícito, não é justo, não é bíblico e não é cristão, pensar ao contrário ou pretender excluir o pastor dos direitos humanos, decorrentes das necessidades humanas! Os que assim pensam ou assim procedem, molestam os verdadeiros cristãos e ferem os sentimentos dos salvos.

Se é certo que Deus tem provido milagrosa-

mente o sustento para os Seus servos, em circunstâncias especiais, também é certo que todos os ministros de Deus dependem dos meios puramente materiais, estabelecidos pelo próprio Deus, para o sustento de todos os homens.

Enquanto o empregado dedica todo o seu tempo aos interesses de uma empresa, está também assegurando o direito de seu sustento e da família. Deus nunca procede pior do que os homens. Deus não interessa apenas em nosso trabalho, mas também em nossa pessoa e em nossa vida! Esta responsabilidade, Deus a pôs sobre a Igreja, por isto lemos: "Assim ordenou o Senhor aos que pregam o evangelho, que vivam do evangelho", I Co 9.14.

Deus infinito em Seu poder, ilimitado em Suas providências, em circunstâncias difíceis, tem usado corvos, como tem usado anjos, para prover o sustento de Seus ministros, I Rs 17.6; 19.5-7. Os tem feito depender milagrosamente dos cuidados da viúva pobre, como de Imperador e Príncipe potentosos, I Rs 17.8-16; Jr 39.11-14.

Não há dúvida, que estas coisas constituem lições de fé, a ensinar, a afirmar ao ministro de Deus, que é verdade infalível, a promessa: "De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei", Hb 13.5. São as experiências que muitos têm vivido; são lições que em circunstâncias humanamente impossíveis, levam-nos a exclamar com fé, semelhante ao Salmista de Israel: "Donde me virá o socorro? O meu socorro vem do Senhor, que fez o céu e a terra", Sl 121.2.

Estamos certos de que interessa aos céus, que estas lições sejam aprendidas. Que cada obreiro do Senhor ateste pela própria experiência a sua convicção de que foi chamado para servir a uma causa que vale incomparavelmente mais do que o seu próprio conforto ou a própria vida. Que estejam con-

victos de que, trabalhando, não apenas fazem jus a um ordenado animador, mas cumprem uma missão divina, cuja recompensa não se limite ao valor de um bom salário!

Damos graças a Deus pelas nossas experiências pessoais neste sentido, no decurso dos 29 anos de nossas atividades ministeriais. Não começamos a trabalhar em uma capital, com um ordenado certo, mas em um campo sem igreja, no sertão piauiense, tendo que fazer um percurso de 360 quilômetros, quase sempre a pé, sem companheiro, "sem bolsa e sem alforge"! Tivemos que sair de casa, para uma ausência de vários dias, deixando apenas "mil réis" (menos que um centavo hoje), para a manutenção da casa e da família. Pela graça de Deus, nunca fizemos um apelo a ninguém. Nunca falamos das nossas necessidades a qualquer pessoa; e, se passamos privações, mas não sofremos miséria. Não tivemos que esperar muito, para ver a Providência divina suprindo-nos maravilhosamente.

Se experimentamos necessidade, mas desfrutamos abundante paz, gozo e tranqüilidade, pela certeza de estarmos no plano de Deus e sob a proteção de Sua mão potente, por isto nunca pedimos para sair do nosso campo. Glória a Deus para sempre.

Foi numa destas jornadas, em uma madrugada silenciosa, quando da cintura para baixo, molhado de orvalho e para cima molhado de suor, que Deus nos deu uma das mais preciosas revelações de nossa vida, cujos detalhes se cumprem dia a dia, até hoje...

Nada. Nem dinheiro, nem conforto, nem mesmo o convívio fraternal no seio de uma grande Igreja, se equipara ao gozo da comunhão com Deus, quando nos sentimos na Sua exclusiva dependência.

Certificados e diplomas representam meras insignificâncias em comparação com estas experiên-

cias inesquecíveis. Elas constituem o cabedal de muitos homens de Deus. Talvez a prepotência e a importância que alguns ostentam, sejam devidas à falta desta escola, pela qual passaram Moisés e tantos outros servos de Deus, que se tornaram verdadeiramente grandes.

Deus quer que todos saibam disto. Que todos saibam que "o campo é o mundo" e não apenas os grandes centros comerciais e industriais. Que o ministério cristão não está circunscrito às grandes Igrejas, apenas. Deus deseja que todos saibam, que o trabalho divino, qualquer que seja, não poderá ser feito de modo aceitável, sem o amor capaz de nos constranger a qualquer sacrifício que nos seja necessário fazer. Deus não quer que ninguém aceite o ministério cristão pensando em lucro ou animado pela certeza de uma remuneração confortável. Tudo isto é claramente bíblico, entretanto, nada isenta a Igreja da responsabilidade pela manutenção dos seus obreiros. Parece-nos sensato admitir, que a maneira como a Igreja cuida do seu pastor, bem revela o grau e o quilate de sua espiritualidade. Isto é bíblico. Paulo o admite: "Crescendo a vossa fé, seremos sobremaneira engrandecidos entre vós", II Co 10.5.

A visão espiritual defeituosa é certamente o motivo pelo qual alguns julgam que o pastor não trabalha, pelo simples fato de não exercer uma profissão material qualquer. Isto revela a ignorância de duas coisas:

1º) Que o pastor consagrado ao santo ministério de que o Senhor o encarregou tem em que ocupar todo o seu tempo no atendimento dos diversos serviços da Igreja. Muitos trabalham anos a fio, sem férias, sem feriados e sem o repouso semanal a que têm direito todos os trabalhadores, nas atividades seculares. Por isto mesmo, muitos

vivem extremamente esgotados e outros completaram mais cedo os seus dias neste mundo!...

2º) Que o pastor não somente trabalha, mas está ocupado no trabalho mais importante. É isto que Paulo ensina, escrevendo aos tessalonicenses: "Agora vos rogamos, irmãos, que aceiteis com apreço os que trabalham entre vós, e vos presidem no Senhor e vos admoestam; e que os tenhais com amor em máxima consideração, por causa do trabalho que realizam", I Ts 5.12,13. De fato, só uma pessoa espiritualmente pobre, pode subestimar o valor do trabalho daqueles que ministram as coisas espirituais e eternas. Mesmo quando haja pobreza de recursos, haverá sempre alguns meios, quando haja boa vontade e amor cristão. Com isto concordam as palavras de Paulo ao referir-se à generosa contribuição das Igrejas da Macedônia, quando diz: "A profunda pobreza deles superabundou em grande riqueza de sua generosidade", II Co 8.1,2.

3. OBRIGAÇÕES DO PASTOR REMUNERADO PELA IGREJA.

Se o pastor não exerce o seu ministério à maneira de um emprego, não deve ser considerado um mero empregado da Igreja. Entretanto, o fato de ser mantido pela Igreja, evidentemente, implica em obrigações e é justo encarar com o máximo empenho os interesses da Igreja.

A Igreja é essencialmente um organismo espiritual, mas não deixa de ser também uma organização. Quer a parte espiritual, quer a material e financeira, dependem da habilidade, de tática, de zelo, de esforços e dedicação, para que haja prosperidade. Se o pastor se considera um simples assalariado, pode limitar o seu expediente ao que julga correspondente ao seu ordenado, podendo disto depender um ministério infrutífero.

Há, entretanto, um trecho bíblico, que mesmo

em linguagem figurada, traz-nos importante lição ministrada pelo Senhor Jesus. Ao narrar a história do bom samaritano, findou com estas expressões: "Cuida deste homem e se alguma coisa gastares a mais, eu to indenizarei quando voltar". Fazendo a aplicação, diz o mestre: "Vai e procede de igual modo", Lc 10.33-37.

Se estes ensinos podem ser aplicados a um pastor de almas, podemos deduzir que as suas obrigações correspondem aos desafios das circunstâncias, à medida das necessidades espirituais daqueles que Deus colocou sob os seus cuidados pastorais. Daí a necessidade e a conveniência do pastor conservar-se livre de obrigações alheias às suas funções, como servo, ao dispor da Igreja.

Não há razão para basear as suas atividades na avaliação do seu ordenado, pois a promessa é: "Se alguma coisa gastares a mais, eu to indenizarei quando voltar". Também lemos estas palavras do Cristo glorificado: "Eis que venho e o meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo o seu trabalho", Ap 22.12.

Nas Assembléias de Deus no Brasil, ao que sabemos, há dois sistemas de manutenção do pastor pela Igreja, de acordo com as diferentes circunstâncias:

A. O Ordenado Fixo pelas Igrejas que possuem rendas superiores ao necessário para o sustento pastoral;

B. Manutenção pelo Dízimo, que algumas Igrejas colocam-no ao dispor do pastor, do que pode resultar abundância ou insuficiência. Este sistema, entretanto, não convém continuar indefinidamente. Tão logo a Igreja tenha condições de fixar um ordenado para o seu pastor, isto deve ser feito, com duas vantagens:

a) O pastor ficará mais livre para incentivar

a Igreja a contribuir, evitando também o conceito, correto ou falso, de que "vive nadando em ouro", o que poderá ser uma tentação para muitos não contribuírem, a pretexto de que os dízimos pertencem ao pastor e este já recebe o suficiente...

b) Os membros sabendo que as suas contribuições são destinadas aos trabalhos e aos interesses gerais da Igreja, tornar-se-ão mais animados a contribuírem, resultando disto maiores possibilidades econômicas para as atividades da Igreja, em diferentes setores. É neste sentido, a melhor aplicação destas palavras, de Deus: "Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa", Ml 3.10. A casa de Deus é a Igreja, I Tm 3.15, e a esta cabe a responsabilidade pela manutenção de seus obreiros e tantas outras coisas de vital importância, pelo que Deus lhe há provido dos meios para ter com abundância e assim realizar a Sua grande obra no mundo.

Em qualquer das formas, o pastor será sempre um despenseiro, com a responsabilidade de administrar sábia e proveitosamente as rendas e os bens da Igreja. "E o que se requer dos despenseiros, é que cada um deles seja encontrado fiel", I Co 4.2.

4. VANTAGENS DO SUSTENTO PELA IGREJA.

Estudos sociais da família têm apontado a independência financeira até da mulher, em relação ao marido, como causa de desajustes.

Um grande percentual dos casos de divórcio nos países desenvolvidos tem sido atribuído à independência financeira das mulheres.

Não há dúvida, que o ser humano é capaz destas coisas. É quase certo o provérbio: "Só não voa quem não tem asas". A propósito, consideremos o seguinte:

A. A Independência Financeira e a Chamada Divina. Nada impede que um homem aposentado, com sustento próprio, seja possuidor de importantes dons ministeriais. Os seus recursos financeiros não o tornam, de modo algum, incompatível para o santo ministério. Entretanto, não convém esquecer que o simples fato de ter sustento próprio, não constitui vocação e nem é prova da chamada divina para o trabalho do Evangelho. O pastor, antes de ser dependente da Igreja, é dependente de Deus, o Dono da sua vida e da Igreja. Isto posto, o mais importante é ter a certeza, pela experiência e pela revelação divina, de que o candidato é de fato chamado e habilitado por Deus, para o Seu trabalho. Em todos os setores das atividades humanas, quem trabalha eficientemente produz e, muito mais, produz quem trabalha na força do Espírito de Deus. Daí, não nos parecer acertado a escolha de um candidato, levando em conta as suas condições econômicas, como não é razoável a rejeição de uma pessoa divinamente vocacionada, pelo receio de sobrecarregar a Igreja.

B. Relações Entre o Pastor e a Igreja. O pastor é parte da Igreja, é membro do mesmo corpo e, por isto mesmo, o depender financeiramente da Igreja, a quem serve e a quem ajuda, por que zela e por quem sofre, constituirá, por um lado, mais um elo a uni-lo à Igreja e, por outro, mais um motivo de prazer e de gratidão, completando-se as relações espirituais entre o pastor e a Igreja. Isto também vedaria ocasião para o que tem sido ouvido de alguns púlpitos, em tom arrogante: "Eu não vivo à custa da Igreja". A soberba, por qualquer motivo e em qualquer ocasião, é sempre desagradável aos olhos de Deus...

C. Precauções. Além de tudo isto, o fato de o pastor não depender economicamente da Igreja,

poderá constituir uma tentação a induzi-lo ao desinteresse pelas finanças da Igreja. A mais disto, em casos de pequenas Igrejas a cargo de um pastor com sustento próprio, os membros tendem a descuidarem o dever da contribuição, por julgar desnecessário, resultando em dificuldade, em caso de substituição do pastor pensionista de um Instituto.

Como em todos os casos, nas relações entre o pastor e a Igreja, muito se ajusta o preceito bíblico: "Fazei tudo para a glória de Deus".

CAPÍTULO IX

CARACTERÍSTICAS PREFIGURADAS

Paulo, no capítulo dois da segunda epístola á Timóteo, ao despertá-lo a exercer o ministério de conformidade com o dom que recebera, menciona três figuras que representam características de um verdadeiro ministro de Cristo, as quais são:

1. SOLDADO.

"Participa dos meus sofrimentos como bom soldado de Cristo Jesus", II Tm 2.3. O soldado representa duas qualidades que devem distinguir um ministro de Deus:

A. Coragem. Não raro o soldado ouve palavras como estas: "A alma do soldado é de bronze... o soldado é superior ao tempo", o que significa que o soldado no cumprimento de sua missão deve resistir impavidamente às adversidades e ao perigo.

Ninguém que não esteja disposto a sofrer deverá aceitar qualquer título ministerial, pois neste caso estaria exposto aos ataques das hostes satânicas, a quem deve combater para libertar as almas sob o poder maligno. A pregação do Evangelho é uma luta contra os poderes diabólicos e não é tarefa para medroso e desprevenido. Os medrosos procuram fugir à luta ou neutralizar as ofensivas de Satanás, o adversário, tornando-se amigos do mundo, a título de boas relações sociais. Jesus advertiu aos Seus discípulos neste sentido, ao dizer: "Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, porém, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso o mundo vos odeia", Jo 15.19.

Ser corajoso não significa ser exaltado ou temerário, como ser humilde não significa ser covarde. Fazer boas relações não deve importar em comprometer a liberdade que deve ter o pregador para falar a todos, sem respeitos humanos. Ser cordato não deve implicar na obrigação de fazer amizade

com o mundo, como pretexto para fugir aos sofrimentos próprios de quem luta pelo Reino de Deus.

O ministro do Evangelho deve ter coragem para sofrer, se o bom combate o exige;

B. Disciplina. O soldado não se governa. Obedece as ordens. "Nenhum soldado em serviço se envolve em negócios desta vida, porque o seu objetivo é satisfazer aquele que o arregimentou", v.4.

Mais do que o soldado de mais elevada patente, o ministro do Evangelho deve ter seguro o objetivo nobre, altaneiro, de agradar ao que o arregimentou, para a luta, na qual seremos "mais do que vencedores por aquele que nos amou", Rm 8.33-37. Este objetivo deve animar-nos durante o tempo da nossa peregrinação, até à promoção à glória celestial.

O soldado de Cristo, que se embaraça com negócios desta vida, não pode agradar ao Seu comandante celestial.

Roubam o tempo sagrado que deveria ser dedicado aos interesses de uma causa imortal e eterna, aqueles que se ocupam de coisas alheias aos interesses do Reino de Deus. Isto se reveste de maior gravidade quando os interesses próprios são postos em evidência. Atualmente, não é pequena a tendência a este tipo de tentação. Novos horizontes se abrem e novas e tentadoras oportunidades acenam de modo especial para os mais destacados ou melhor colocados, que se inclinam a contemplá-las com aquele olhar insaciável de Ló, diante da vastidão das campinas regadas, à margem do Jordão, nas adjacências de Sodoma e Gomorra, Gn 13.10-12. À semelhança de Ló, não podem prever as futuras conseqüências de sua marcha ambiciosa. É mais seguro não se embaraçar!

2. ATLETA.

Símbolo de desprendimento, esforço e perseve-

rança. "O atleta não é coroado se não lutar segundo as normas", v.5.

A. Desprendimento. Desprendimento é abnegação, é independência de tudo o que possa embaraçar-nos no cumprimento dos deveres ou das normas da luta pelo prêmio.

Conquanto a disciplina seja própria do soldado, parece-nos que o desprendimento do atleta significa disciplina mais apropriada para o ministro do Evangelho. Paulo fala deste assunto em relação à sua pessoa, da seguinte maneira: "Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos na verdade, correm, mas um só leva o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis. Todo atleta em tudo se domina; aqueles para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível. Assim corro também eu... esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado", I Co 9.24-27. Uma edição da Bíblia em Espanhol traduz este texto assim: "Castigo o meu corpo e o obrigo a obedecer-me". Este é o tipo de disciplina adequada para o pregador. Não é imposta por outrem, por uma autoridade, e, sim, pela própria pessoa a si mesma. Consiste em abster-se de tudo o que possa embaraçar ou impedir o prosseguimento de nossa carreira. É o desprendimento que exige decisão e sacrifício. Paulo, ao aplicar a si mesmo as lições tiradas da vida do atleta de corrida, diz: "Em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus", At 20.24.

B. Esforço. O esforço é o fator sem o qual o homem nem chega a ser atleta. É indispensável ao desenvolvimento da capacidade para vencer e conquistar o prêmio. Paulo, certamente aplicou esta

figura ao pregador do Evangelho, por saber que todo o êxito que o ministro cristão pode obter depende de esforço contínuo e disposição decidida. Paulo usa com freqüência esta linguagem, nas suas relações com o ministério: "Esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus, em Cristo Jesus", Fp 3.13,14.

Os que pensam que o trabalho do Evangelho é muito fácil estarão iludidos e nunca serão capazes de realizá-lo. Jesus mesmo disse: "O reino dos céus é tomado por esforços e os que se esforçam se apoderam dele", Mt 11.12.

C. Perseverança. Os insucessos do atleta não devem ser motivo para abandonar a luta. O seu objetivo deve ser alcançar o prêmio. Por isto tem que perseverar. Esta lição é aplicada aos que lutam pela fé. O autor aos Hebreus, depois de mencionar os que, nas piores circunstâncias, conquistaram as maiores vitórias, diz: "Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas... corramos com perseverança a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para Jesus, o Autor e consumador da fé", Hb 12.1,2. A perseverança tudo alcança! Jesus disse: É na vossa perseverança que ganhareis as vossas almas", Lc 21.19.

3. LAVRADOR.

Símbolo de sacrifício, habilidade prática, disposição, vigilância e paciência. Vejamos:

A. Sacrifício. O homem que não estiver disposto a sacrificar-se, será mais útil ao Reino de Deus, nunca aceitando o ministério do Evangelho. O trabalho de Deus sempre exigiu sacrifício. A experiência é antiga. Com muita ênfase diz o Salmista: "Os que com lágrimas semeiam, com júbilo ceifa-

rão. Quem sai andando e chorando, enquanto semeia, voltará com júbilo trazendo os seus feixes", Sl 126.5,6.

B. Habilidade Prática. O lavrador hábil não cultiva ou não planta em terreno árido ou estéril. Paulo também recomenda precaução neste sentido, pois o resultado da semeadura depende do terreno semeado. A aplicação deste ensino figurado é esta: "O que semeia para a sua própria carne, da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito, do Espírito colherá vida eterna", Gl 6.8.

O ministro do Evangelho que trabalha por interesse ou tem o ministério como meio de ganhar a vida, posição honrosa ou vantagens, está semeando para a carne. A sua colheita será correspondente. Será corrução. Semear para o Espírito significa tudo fazer com vistas à vida eterna e a glória de Deus. Este assunto ficou esclarecido por Jesus, quando Pedro perguntou-Lhe: "Nós que deixamos tudo e te seguimos, que receberemos?" Jesus respondeu que tudo receberiam "com perseguições; e no mundo por vir, a vida eterna", Mc 10.23. Esta é a colheita de quem semeia para o Espírito.

C. Disposição. O lavrador é o tipo do homem disposto que, transforma uma grande floresta em um campo agrícola. Esta é a filosofia do agricultor: "O pouco se envergonha de produzir muito". Esta mesma lição é aplicada por Paulo, ao tomar o lavrador como símbolo da disposição que deve ter o ministro do Evangelho: "Isto afirmo: aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia com fartura, com abundância também ceifará", II Co 8.6. "Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não", II Tm 4.2.

D. Vigilância. O lavrador é também um tipo da vigilância que deve caracterizar a um ministro de Deus, durante toda a sua vida ministerial. As

grandes experiências, as notáveis conquistas, o êxito obtido, nem mesmo a idade, nada credencia-o a descuidar-se e nada o imuniza contra as diversas tentações que o assediam tenazmente.

Paulo, ao falar a Timóteo a quem comparou ao lavrador, ensina: "Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina... porque fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes", I Tm 4.16.

O lavrador, enquanto espera a época da colheita, vigia cuidadosamente a sua roça contra a invasão do "gado roceiro". É aquele cuidado com coisas grandes e pequenas, que Salomão também ensina em linguagem figurada, "Apanhai-me as raposas e as raposinhas, que devastam os vinhedos", Ct 2.15.

E. Paciência. Desta vez é Tiago que ensina a paciência, prefigurada no lavrador: "Sede pacientes, até à vinda do Senhor. Eis que o lavrador aguarda com paciência o precioso fruto da terra...", Tg 5.7. Isto é muito prático. Entre o semear e a colheita há sempre um longo tempo. O lavrador trabalha, gasta e se gasta, sem sequer pensar em recente colheita compensadora. Aguarda com paciência a recompensa futura, no tempo oportuno.

Creio de coração que é grande a recompensa daquele que ministra com fidelidade e com sinceridade, diante de Deus. Esta recompensa, entretanto, temos que aguardá-la com paciência. Os que se apressam por recompensa terrena não têm convicção das vantagens, dos verdadeiros resultados de servir a um Deus eterno. Isto merece muito cuidado!... Não aconteça, sejam dirigidas a alguém estas palavras: "Filho, lembra-te que recebeste os teus bens em tua vida...", Lc 16.25.

CAPÍTULO X

A ORDEM DAS ORDENAÇÕES

Neste capítulo não vai nenhuma crítica ao critério adotado quanto às ordenações. Entretanto, achamos que alguma coisa deveria ser estudada mais cuidadosamente, à luz do Novo Testamento.

Geralmente se admite que a constituição de um ministro (ordenação) depende de uma chamada da parte de Deus e a confirmação ou aceitação do elemento humano, capaz de autorizar. Jesus encerrava em Si estas duas prerrogativas: Podia chamar e autorizar ou enviar. Assim, a consagração dos doze apóstolos prescindiu de cerimônias como em Atos 13.1-3 e como em nossos dias.

Nos diversos ministérios das Assembléias de Deus no Brasil, há sistemas diversos neste sentido. Não é nosso propósito apontar este como certo e aquele como errado. Não temos um sistema convencionado e não vamos estabelecer aqui uma norma. Entretanto, já que o assunto não é de pequena importância, deve ser considerado à luz da doutrina cristã, da lógica e da razão.

Passaremos a considerar o assunto com vistas especialmente à lista de dons ministeriais de Ef 4.11. "Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres".

Teremos aqui uma ordem hierárquica ou uma ordem cronológica? Se admitirmos a primeira hipótese, forçoso será admitirmos, que, de todos, o apóstolo é o menor, vindo depois em ordem crescente, o profeta, o evangelista, o pastor e, na instância superior, o mestre. Se, ao contrário, julgarmos certa a segunda hipótese, devemos proceder em primeiro lugar a consagração do apóstolo, como um ministério inicial, talvez para uma fase de experiência... Sendo aprovado, o candidato deveria ser considerado apto à promoções, através

de consagração aos outros postos ministeriais superiores!

O fato de nenhum ministério ou Igreja proceder assim é a prova de que nenhuma das hipóteses é aceita como certa. De fato, não há no texto citado, nem ordem hierárquica nem cronológica. Há simplesmente dons ministeriais, que, pela graça de Deus, poderão habitar, todos ou em parte, ao mesmo tempo, em um servo de Deus, no início ou em qualquer fase do seu ministério, a depender do grau de sua consagração ao trabalho e de sua comunhão com Deus. Não obstante, será feliz o ministro que possua qualquer deles, no ministério correspondente. Isto independe de ser consagrado sob qualquer título ministerial.

A despeito disto, a ordem das ordenações adotadas por alguns ministérios, suscita perguntas, pois parece haver alguma coisa inerente a ordens, hierárquica ou cronológica.

Se consagrarmos primeiro o evangelista e depois o pastor, o que teríamos feito? Se observarmos a uma ordem cronológica, deveríamos começar pelo apóstolo e não pelo evangelista. Se admitirmos uma ordem hierárquica, temos que começar também com o apóstolo, como sendo o degrau mais baixo da escada. Se, porém, considerarmos haver no citado texto de Efésios uma ordem de importância dos dons ministeriais, não colocaremos o evangelista antes do pastor, pois se consideramos o apóstolo o mais graduado dom ministerial, devemos concordar em que vem em segundo lugar o profeta, depois o evangelista, como ministérios mais importantes que o do pastor. Além disto, parece maior contraste o conceito de que o evangelista é um ministro de categoria bastante inferior à do pastor. Por outro lado, se consagramos alguém evangelista e depois pastor, seguindo a uma ordem qualquer,

por que não começamos um pouco antes e não vamos mais adiante? Por que somos tão remissos? Por que não consagramos, na ordem que melhor nos pareça, apóstolo, profeta, evangelista, pastor e mestre? Estas perguntas não têm resposta, à luz dos sistemas adotados e defendidos por alguns grupos, da liderança das Assembléias de Deus no Brasil. Não é ilógico pensar que podemos entender melhor o caminho, depois de o percorrermos por muito tempo! Não é certo supor que aprendemos melhor no princípio ou que tudo o que aprendemos nos primeiros dias de fé esteja infalivelmente certo. A norma infalível é a Palavra de Deus e ela merece ser estudada mais cuidadosamente neste sentido.

Não há tanta importância em discordarmos uns dos outros e termos pontos de vista diferentes, mas não temos o direito de apegar-nos a esta ou aquela idéia, que de algum modo discorde da doutrina. Também nunca devemos confundir doutrina com "tradição dos antigos" ou mero costume. O antigo povo de Deus, assim fazendo, distanciou-se tanto da doutrina, que Jesus acusou-os de haverem rejeitado a Palavra de Deus pelas suas tradições.

Não há dúvida de que as promoções através de sucessivas ordenações constituíram a escada pela qual a Igreja Católica "subiu" até ao papado!

É correto admitirmos que em um mesmo ministro possa haver pluralidade de dons ministeriais. Por outro lado, é difícil explicar, como um "evangelista", se revela muito mais vocacionado para o ministério pastoral. São freqüentes os casos em que, um homem de Deus, chamado de evangelista, durante anos, alcança maravilhoso êxito no pastorado de uma Igreja. Também há pastor que, a despeito de sua piedade, das qualidades cristãs e dos modos respeitáveis, nunca obtém sucesso em um pastorado. Qual a conclusão? Alguma coisa

deve estar fora do lugar! Do ponto de vista dos dons ministeriais, também é de importância "o homem certo para o lugar certo".

Já estudamos que em Jesus habitavam todos os dons ministeriais. Já vimos que Paulo, o grande evangelista, afirma ter sido constituído "pregador, apóstolo e mestre". Em nossa experiência podemos apontar homens que são evangelistas e pastores. Que são pastores, mestres e profetas, conforme estudamos antes.

Isto ensina-nos que não é regra e não é bíblico, uma sucessão de dons, a depender de uma escala diatônica de ordenações.

O que julgamos correto é o seguinte: Deus chama e habilita. A Igreja, através do seu ministério, reconhece e ordena. Quanto ao ministério, deve corresponder ao dom recebido de Deus.

Será de grande proveito, o ministro ajustar-se ao ministério para o qual foi habilitado por Deus. Disto depende o seu êxito, aprovação e prosperidade. Isto o preservaria de problemas provenientes de abraçar um ministério para o qual não foi habilitado por Deus.

Dado ao conceito a respeito do evangelista, parece que só um iniciante no trabalho do evangelho, pode possuir este dom, este importante ministério. Parece que só pode ser evangelista quem ainda não obteve bastante confiança para assumir ao pastorado de uma Igreja!

De certo modo, seria muito útil, se todos, de fato, iniciassem como evangelista, no sentido verdadeiramente bíblico.

Finalmente chamamos a atenção do leitor, para o fato de que não há no Novo Testamento nenhum vestígio de fundamento para o sistema de ordenações sucessivas, como por exemplo, a evangelista, depois pastor e talvez, a missionário, como sendo um

posto mais elevado. Não. O que encontramos é unicamente a solenidade de imposição das mãos do ministério, quase sempre com jejum e oração, At 13.1-3; 14.23; I Tm 4.14.

É certo que a Bíblia recomenda e a razão aceita as medidas de precauções ou que o candidato ao ministério seja primeiramente provado. Para isto bastaria uma autorização, em caráter experimental, não sendo regra sem exceção, não constituindo objeção a que sejam ordenados em definitivo aqueles em quem está claramente revelado o dom divino para o ministério.

A ordenação é o reconhecimento da Igreja àquele a quem Deus chamou e habilitou para o Seu trabalho. O ser apóstolo, profeta, evangelista, pastor e mestre, depende exclusivamente do DOM DE DEUS. É certamente isto que Pedro reconhece e ensina, ao escrever: "Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu", I Pe 4.10.

1. ANCIÃO, PRESBÍTERO E BISPO.

Com este título vai um assunto que parece ainda não ter sido estudado cuidadosamente por muitos, a despeito das diferentes opiniões de diferentes grupos. Estudaremos o assunto, em seu aspecto histórico e doutrinário.

A. Origem. Ancião, presbítero e bispo são títulos que não tiveram origem na Igreja. Ancião era a designação do magistrado, escolhido entre os mais velhos, mais experientes e mais respeitáveis da tribo, que exerciam influência no governo de algumas nações antigas, como o Egito, Moabe e Midiã e povos contemporâneos, sendo o sistema adotado posteriormente pelos Gregos e Romanos.

Ao que se percebe, o costume foi aceito pelo povo hebreu ainda antes do Êxodo. Deus disse: "Vai, ajunta os anciãos de Israel... irás com os anciãos de Israel ao rei do Egito", Êx 3.16,18.

"Moisés e Arão ajuntaram todos os anciãos dos filhos de Israel", Êx 4.29. Daí por diante são os anciãos encontrados freqüentemente como representantes da comunidade. Existiam no período dos Juízes e exerciam grande influência nos negócios de mais importância, Js 20.4. Aparecem também com grande influência no governo monárquico. "Falou Abner aos anciãos de Israel..." "Todos os anciãos se congregaram e vieram ter com o rei..." "Congregou Salomão os anciãos de Israel", II Sm 3.17; 5.3; I Rs 8.1. Além destes, muitos outros trechos bíblicos falam dos anciãos nas épocas do Velho Testamento, relacionados com o governo dos diversos reis dos hebreus. Conforme a Versão Atualizada, já eram intitulados de superintendentes, que é o sentido de presbítero ou bispo. "Disse o Senhor a Moisés: Ajunta-me setenta homens dos anciãos de Israel, que sejam anciãos e superintendentes do povo". Nm 11.16.

"Apesar de que originalmente sua autoridade era civil, pelos tempos do Novo Testamento, os anciãos do povo (presbyteroi tou laou) compartilhavam com os sumos-sacerdotes do poder de determinar as questões religiosas e, se necessário, a expulsão de qualquer indivíduo da sinagoga", Novo Dic. da Bíblia, Vol. I pg. 78.

Nos tempos de Jesus, os vemos atuando destacadamente nas questões mais importantes. Jesus foi "acusado pelos principais sacerdotes e pelos anciãos... Os principais sacerdotes e os anciãos persuadiram o povo contra Jesus", Mt 27.12,20. Ainda nos dias de Paulo, os judeus pretendendo matá-lo "foram ter com os principais sacerdotes e os anciãos", At 23.14.

Presbítero é uma palavra de origem grega, que também se traduz por ancião, mais velho. Por isto, os cidadãos considerados de maior dignidade

e mais experientes eram chamados tanto anciãos, como presbíteros, que têm o mesmo significado de bispo. Esta é, portanto, a origem histórica de ancião, presbítero ou bispo no Novo Testamento.

B. O Presbítero no Novo Testamento. "Durante o período do Novo Testamento, o sumo-sacerdote era o presidente ex-ofício do sinédrio. Uma organização semelhante foi naturalmente seguida pela Igreja cristã e o ancião do Antigo Testamento se tornou no presbítero do Novo Testamento", Novo Dic. da Bíblia, Vol. III, pg. 1314.

Com isto concordam os textos bíblicos de At 20.17,28; Tt 1.5,7, que revelam claramente que os presbíteros e bispos identificam uma e a mesma função.

De Whedon's Commentary of New Testament, editado em Nova Iorque em 1873, Vol. IV, pg. 422, traduzimos o seguinte: "A palavra grega presbítero era um termo político usado pelos atenienses para designar pessoas indicadas como superintendentes de negócios de dependência estrangeira. A palavra como usada para designar um oficial da Igreja, no Novo Testamento grego, é aplicada somente por Paulo e seu discípulo Lucas (At 20.28; Fp 1.1; Tt 1.7) e é possível que tal aplicação se originou com Paulo". De fato, é na vigência do ministério de Paulo, conforme os registros de Lucas, em Atos, que aparece o presbítero ou bispo, logo na primeira viagem missionária, At 14.23.

C. A História do Presbítero. Nas diferentes opiniões a respeito deste assunto, não deixa de haver um elevado percentual de influências doutrinárias, de origens tradicionais. Nos países onde a literatura sofre a influência do catolicismo romano, com freqüência o termo presbítero é traduzido - padre, sacerdote.

A Igreja é constituída de homens e estes não

deixam de sofrer influência do meio ambiente e das circunstâncias em que ocorre a sua formação. Não há dúvida de que a influência de Calvino e John Knox foi sentida fortemente na Escócia e outros países da Europa, especialmente na Escandinávia, através dos contatos com Zwingli.

"Fundamentado na doutrina cristã de Calvino, as ordenanças Eclesiásticas de Genebra distinguiam: Os pastores e presbíteros docentes (clérigos) e os presbíteros regentes e diáconos (leigos)", Enciclopédia Barsa, Vol. II pg. 222. Daí originou-se a teoria de presbítero geral e presbítero local, que através dos missionários foi levada para diferentes partes do mundo, atingindo até mesmo algumas denominações independentes do bloco presbiteriano, sendo aceita por uma mesma confissão religiosa em um país e recusada em outro, de acordo com as influências doutrinárias mais vigorosas. O certo é que no início o corpo docente (ministério) da Igreja era constituído de dois cargos e duas funções, diácono e presbítero ou bispo, visto que os próprios apóstolos se consideravam presbíteros, conforme veremos mais adiante.

A Igreja Católica dividiu em dois o cargo de presbítero ou bispo, formando o sacerdócio e o bispado. Depois, adicionou ao termo bispo o prefixo grego **arce** (que significa superior, acima de...), arranjando o título de arcebispo (superior dos bispos), iniciando assim, a escada do episcopado hierárquico, que chegaria à culminância, com o papado.

Achamos oportuno observar, que nunca deixou de haver líderes entre esses presbíteros. Isto é visto em toda a Bíblia, mesmo no Antigo Testamento e faz parte da sabedoria com que Deus lançou as bases para a boa ordem e o progresso de

Sua Igreja. Um líder não deixará de ser um resultado dos dons que "estebeleceu Deus na Igreja", entre outros, "governos", I Co 12.28. Os líderes eram obedecidos e respeitados, sem contudo se considerarem superiores aos demais ministros, exigindo serem reverenciados!

Algumas Igrejas adotaram o sistema episcopal, sem papa. "Outras como as do grupo presbiteriano, não aceitam a autoridade episcopal, nem admitem hierarquia superior à dos presbíteros", Enciclopédia Barsa, Vol. 11, pg. 222.

A Igreja Batista e outras da mesma origem admitem certa a interpretação de que o presbítero ou bispo são a mesma coisa que o pastor. Além do diácono, limitam o seu ministério a este único cargo e a esta única função.

À Assembléia de Deus, especialmente no Brasil, certamente em razão de se constituir inicialmente de crentes de diversos grupos evangélicos, atraídos pela crença bíblica do batismo com o Espírito Santo, do ponto de vista administrativo, ministerial, adotou uma posição intermediária, mais aproximada do sistema presbiteriano. Não admite hierarquia. Não aceita o episcopado formal, senão o conceito bíblico de que o pastor é o mesmo bispo mencionado no Novo Testamento. Admite, entretanto, o encargo, separado de presbítero.

E. Nossa Opinião à Luz da Doutrina. Respeitamos em absoluto os propósitos dos líderes que implantaram este sistema ministerial em nossa Igreja. Em igual medida respeitamos a consciência dos que o adotam. Entretanto, advertimos o seguinte: Se não admitimos hierarquia, não imitemos ao clero católico em dividir o cargo e a função entre presbítero e bispo (pastor), a menos que seja dada ao presbítero função correspondente com o cargo, como de certo modo acontece, em algumas

regiões, em campo de evangelização da Assembléia de Deus, onde, na ausência do pastor, há um presbítero que desempenha todas as funções ministeriais do pastor: Unge, distribui a Ceia e batiza. Entre esses há os que possuem a dignidade, capacidade e o verdadeiro dom de pastor. Nestes casos, parece-nos, falta apenas atribuir-lhes o título correspondente com a função que já exercem, sem desmerecer aos melhores ministros. Há inclusive, presbíteros que supervisionam campos e lideram outros presbíteros, tal como poderia acontecer com o pastor de um grande campo, de reconhecida capacidade.

Os títulos não são da maior importância para Deus e, sim, o próprio homem em Cristo. Por outro lado, ninguém pode negar, que sem se prevalecerem do título de presbítero, muitos homens de Deus, com humildade e com sinceridade cristã, como verdadeiros servos, prestam serviços relevantes à causa de Deus, enquanto que, com lealdade e respeito, emprestam aos seus pastores eficiente e valiosa cooperação, em pastorear o rebanho. Estes são os contrastes dos que julgam ser a função do presbítero supervisionar ou governar o pastor, como "um conselho de sentença" constituído sobre ele!!!

D. Opiniões de Autores Diversos. Julgamos conveniente trazer aos nossos leitores opiniões de abalizados autores, a respeito do assunto.

De Whedon's Commentary, citado acima, transcrevemos ainda o seguinte: "Admite-se concordemente e é crença geral de estudiosos episcopais, e outros, que no Novo Testamento o termo bispo é sempre sinônimo de presbítero e corresponde ao pastor".

Gordon Lindsay escreve: "O Novo Testamento fala do pastor como um presbítero, um bispo, um

superintendente do trabalho de Deus", The Pentecostal Ministry, Vol. II, pg.3.

Mathews Henry diz: "Os pastores tinham ministério fixo, como dirigentes das Igrejas e eram freqüentemente chamados bispos e presbíteros". P. 1853.

Do Dr. Anibal Pereira Reis, transcrevemos os seguintes textos: "Ao pastor ou bispo, ou presbítero (ancião) cabia repartir a palavra de Deus e executar as ordenanças de Cristo: Batismo e Ceia... A Sagrada Escritura atribui significação idêntica aos títulos de presbítero, bispo e pastor... Se conclui que os dois títulos: Presbítero e bispo identificam uma mesma função... nem por sonho se faz distinção entre presbítero e bispo". Do Livro: Cristo? Sim!!! Padre? Não!!!, pgs. 90,91,93.

F. Considerações Bíblicas. Além do exposto e dos pareceres fundamentados na Sagrada Escritura, passamos a considerar outros passos bíblicos, a respeito do assunto.

Como já antes afirmamos, em At 20.17, Paulo manda "chamar os presbíteros da Igreja" e no verso 28, falando a esses presbíteros, diz: "Atendei por vós e por todo o rebanho, sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a Igreja de Deus". Aqui temos o presbítero ou o bispo pastoreando a Igreja de Deus. São as mesmas pessoas, com a mesma função, de pastorear.

Em I Tm 5.17, Paulo preceituou: "Devem ser considerados merecedores de dobrada honra os presbíteros que presidem bem, com especialidade os que se afadigam na palavra e no ensino". Notemos as atribuições desses presbíteros:

1º) Devem ser considerados merecedores de dobrada honra, ou remuneração, como sugere o verso 18, logo em seguida. Um erudito cristão

traduz esta recomendação assim: "Devem ser mantidos honradamente". Isto certamente fala daqueles que dão tempo integral ao trabalho;

2º) Presidem, que significa ter a responsabilidade da direção e da administração geral da comunidade;

3º) Se afadigam na palavra, que representa a atividade evangelística de quem se dedica inteiramente ao serviço da Igreja;

4º) Se afadigam no ensino, incumbência do pastor da Igreja mais de que de qualquer outro. É fácil, portanto, admitir-se que ao ministro responsável pelo rebanho é que cabem estas prerrogativas.

Em I Tm 4.14, Paulo exorta ao seu discípulo: "Não te faças negligente para com o dom que há em ti, o qual te foi concedido mediante profecia com a imposição das mãos do presbitério. Este trecho, tomado ao pé da letra, parece favorecer aos que pretendem estabelecer distinção entre presbítero e bispo (pastor). Torna-se necessário observar que em II Tm 1.6, o mesmo apóstolo adverte a Timóteo: "Por esta razão, pois, te admoesto que reavives o dom de Deus que há em ti, pela imposição de minhas mãos". Haverá aqui uma contradição de Paulo? Não significa isto que Paulo fazia parte desse "presbitério" ou conselho de ministros que consagrou Timóteo ao ministério?

Em Tito 1.5, Paulo recomendou a Tito que constituísse presbíteros; no verso 6 menciona as qualidades que devem adornar a esses ministros e, no verso 7, diz: "Porque é indispensável que o bispo seja irrepreensível como despenseiro de Deus". Aqui, mais uma vez, na concepção de Paulo presbítero e bispo (pastor) identificam uma única função.

Em I Pedro 5.1-3, é Pedro, o apóstolo, o pastor, o líder da Igreja judaica, que também se intitula de

presbítero, que exorta aos presbíteros: "Pastoreai o rebanho de Deus".

Em II João, verso 1º, é o veterano apóstolo João que começa a sua carta dizendo: "O presbítero à senhora eleita e aos seus filhos..." Em III João, verso 1, escreve o mesmo apóstolo: "O presbítero ao amado Gaio...".

Estas passagens bíblicas demonstram com clareza meridiana que os presbíteros no Novo Testamento constituíam a classe ministerial de pastores, de líderes, tal como há atualmente e não a classe que existe com o nome de presbíteros ou presbitério, em nossos dias.

Em face de tudo isto, se os presbíteros não eram os mesmos bispos, pastores, os ministros, inclusive os apóstolos, forçoso nos será admitir que os presbíteros constituíam uma classe ministerial superior a todos e, se assim era, deverá ser ainda hoje e continuar sendo sempre...

Talvez seja este conceito, esta idéia, ao alcance dos presbíteros, a razão da autoridade que muitos pretendem exercer sobre os seus pastores. Assim sendo, têm razão!!!

2. DIÁCONO.

Para a Igreja Católica, diácono é um clérigo, um pároco, um reverendo, aquele homem que muitas vezes tem revelado tendência para dominar até a consciência alheia. Entretanto, o sentido original da palavra é servo, servente de mesas, garção.

O termo, contudo, tem o mesmo sentido de ministro e se relaciona também com a palavra empregada por Jesus, ao Seu próprio respeito, quando disse: "O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir", Mt 20.28.

A. A Origem do Diácono. Além do sentido etimológico já estudado, geralmente se admite que a função de diácono teve a sua origem na escolha

dos sete, em Atos 6.1-6, embora esses não sejam denominados de diáconos.

No Novo Testamento, o diácono tinha a função de administrar coisas materiais e se ocupavam do suprimento dos necessitados na Igreja.

Foi de fato a necessidade de atendimento às viúvas helenistas, que motivou a decisão dos apóstolos quanto à separação de homens de excelentes qualidades para a função que deu origem ao diaconato. O termo diácono, entretanto, só depois de muitos anos, Paulo o menciona como parte do ministério da Igreja.

B. A Função do Diácono. Na Igreja Primitiva, o diácono se ocupava especialmente de arrecadar donativos e distribuir alimentos aos pobres, aos necessitados.

Esta prática cristã, esteve em franca evidência, especialmente nos primeiros anos da Igreja Primitiva, quando havia verdadeira comunidade de bens, entre os cristãos. Quando "ninguém considerava exclusivamente sua nenhuma coisa que possuía". Quando "nenhum necessitado havia entre eles, porquanto os que possuíam terras, ou casas, vendendo-as, traziam os valores correspondentes e depositavam aos pés dos apóstolos; então se distribuía a qualquer um, à medida que alguém tinha necessidade", At 4.32,35. Esta prática cristã constituía um vasto campo de atividade e exigia a dedicação de homens fiéis.

Era um trabalho de grande responsabilidade. Por isto a exigência: "Irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarreguemos deste serviço", At 6.3. Tendo em vista a função original do diácono, podemos concluir: Onde quer que haja uma Igreja que mantenha trabalhos sociais, com reais serviços de atendimento aos necessitados, a

cargo de um diácono, aí estará um verdadeiro tipo do diácono do Novo Testamento, pois a menção de "servir às mesas", em nada se relaciona com a solenidade de distribuição da Santa Ceia em nossos dias. O diácono tinha mesmo um ministério material como administrador de dinheiro e alimentos, à comunidade pobre.

É provável que este sistema de beneficência cristã haja sofrido alguma modificação ou mesmo restrição. Cedo apareceram os que à semelhança de Ananias e Safira pretendiam imitar a Barnabé e outros abnegados doadores, At 4.36,37; 5.1-11. Também surgiram os que abusavam da generosidade dos irmãos, vivendo sem trabalhar, na exclusiva dependência da Igreja. Isto se deduz das enérgicas admoestações de Paulo: "... trabalhe, fazendo com as próprias mãos o que é bom, para que tenha com que acudir ao necessitado", Ef 4.28. "Contudo vos exortamos, irmãos, a progredirdes cada vez mais e a diligenciardes por viver tranqüilamente, cuidar do que é vosso e trabalhar com as próprias mãos como vos admoestamos", I Ts 4.10,11. "... ordenamos isto: Se alguém não quer trabalhar, também não coma", II Ts 3.10.

Esta regulamentação atingiu até mesmo às viúvas: "se alguém tem viúvas, socorra-as e não fique sobrecarregada a igreja, para que esta possa socorrer as que são verdadeiramente viúvas", I Tm 5.16.

A situação chegou ao ponto de Paulo e seus companheiros, em detrimento dos seus direitos, resolverem apresentar-se como exemplos, trabalhando com as próprias mãos. "Jamais comemos pão, de graça, à custa de outrem, pelo contrário, em labor e fadiga, de noite e de dia, trabalhamos, a fim de não sermos pesados a nenhum de vós; não porque não tivéssemos esse direito, mas por termos em

vista oferecer-vos exemplo em nós mesmos, para nos imitardes", II Ts 3.8,9.

Estas passagens tanto revelam as providências para coibir as irregularidades, como demonstram que o serviço de atendimento aos necessitados não existiu somente em Jerusalém, mas também entre os gentios.

Paulo e Barnabé foram comissionados a pregar entre os gentios. Como instrução, diz Paulo, recomendaram-nos "somente que nos lembrássemos dos pobres", Gl 2.10.

Nas epístolas de Paulo, dezenas de anos depois do início da Igreja em Jerusalém, são encontradas expressões como estas: "Servir aos santos e ainda servis", que correspondem à função de diácono na Igreja entre os gentios, em diversos lugares.

C. As Qualidades do Diácono. "Quanto a diáconos, é necessário que sejam respeitáveis, de uma só palavra, não inclinados a muito vinho, não cobiçosos de sórdida ganância, conservando o mistério da fé com a consciência limpa", I Tm 3.8,9.

As qualidades exigidas para o diácono são semelhantes às do bispo - presbítero. Entre outras coisas, lhes é exigido integridade no falar, e ser livre de "sórdida ganância", qualidade indispensável, a quem lida com dinheiro e bens alheios.

Não somente as exigências para a escolha de Atos 6, mas também outros passos bíblicos, revelam a seriedade com que era encarado o assunto. Paulo instruindo aos coríntios, a respeito das ofertas recolhidas para os pobres de Jerusalém, na época de fome, diz: "Quando tiver chegado, enviarei com cartas, para levarem as vossas dádivas a Jerusalém, aqueles que aprovardes", I Co 16.3. É regra sem exceção na Bíblia: Para qualquer trabalho para Deus e Sua causa, a responsabilidade corresponde à honra e ao privilégio do encargo.

D. O Trabalho Espiritual do Diácono. Conquanto a função do diácono fosse especificamente o atendimento dos necessitados, este não estava privado de exercer atividades espirituais, pregar o Evangelho e nem de possuir extraordinários dons sobrenaturais. Os dons espirituais podem dar origem a títulos ministeriais, contudo não se limitam e nem sempre correspondem a tais títulos.

Se admitimos que os sete foram os primeiros diáconos, forçoso nos será concordar que o diácono pode ser portador de extraordinários dons e conseqüentemente habilitado para grandes obras no Reino de Deus.

De Estêvão está escrito: "Estêvão, cheio de graça e poder, fazia prodígio e grandes sinais entre o povo... e não podiam sobrepor-se à sabedoria e ao Espírito com que ele falava", At 6.8,10.

A respeito de Filipe, lemos: "As multidões atendiam, unânimes, às coisas que Filipe dizia, ouvindo-as e vendo os sinais que ele operava, pois os espíritos imundos de muitos possessos saíam gritando em alta voz; e muitos paralíticos e coxos foram curados", At 8.6,7.

Os homens escolhidos deviam ser "de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria", At 6.3. Não há dúvida que homens com tais qualidades e condições espirituais poderão ser usados por Deus para qualquer trabalho na Sua Igreja.

Será sempre de grande proveito na Igreja o diácono segundo o modelo bíblico!

ÍNDICE

Dedicatória 7
Prefácio 9
I. Introdução 11
1. Chamada 13
2. Habilitação 15
II. Ministro 19
1. A Posição do Ministro 21
2. As qualidades do Ministro 23
III. Apóstolo 29
1. Jesus, o Apóstolo 31
2. Os Doze Apóstolos 34
3. Paulo, Barnabé e outros Apóstolos ... 38
IV. Profeta 45
1. Jesus, o Profeta Reconhecido 47
2. Profeta, um Dom Ministerial 49
3. Analogia entre o Profeta do Velho e do Novo Testamento 50
4. Diferença entre os dois ministérios ... 57
V. Evangelista 61
1. Jesus, o Evangelista 63
2. O Dom de Evangelista 65
3. O trabalho do Evangelista 68

VI. Pastor 75
1. Jesus, o Pastor 77
2. O Dom de Pastor 80
3. A Dupla função do Pastor 81
4. As qualidades do Pastor 82
VII. Mestre 95
1. Jesus, o Mestre 97
2. O Dom de Mestre - Finalidade 101
VIII. O Sustento do Pastor 111
1. O Direito do sustento 113
2. A fonte do sustento 116
3. Obrigações do Pastor remunerado pela Igreja 121
4. Vantagens do sustento pela Igreja 123
IX. Características Prefiguradas 127
1. Soldado 129
2. Atleta 130
3. Lavrador 132
X. A ordem das ordenações 135
1. Ancião, Presbítero e Bispo 141
2. Diácono 149